



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

GABRIELA SAAD CAMPOS

**CORPO-NATUREZA NA ESCOLA: UM OLHAR ATENTO PARA AS SENSACIONES E
EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CASA DA MANGUEIRA.**

RIO DE JANEIRO

2023



GABRIELA SAAD CAMPOS

**CORPO-NATUREZA NA ESCOLA: UM OLHAR ATENTO PARA AS SENSações E
EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CASA DA MANGUEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de graduado em
Pedagogia.

Orientadoras: Mônica Houri e Priscila Basílio

Rio de Janeiro

2023



GABRIELA SAAD CAMPOS

**CORPO-NATUREZA NA ESCOLA: UM OLHAR ATENTO PARA AS SENSações E
EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA CASA DA MANGUEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de graduado em
Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Mônica de Souza Houry - FE - UFRJ - Orientadora

Profª Drª Priscila de Melo Basílio - CAP - UFRJ - Coorientadora

**Profª Me. Joice Carvalho Coutinho - Secretaria Municipal de
Educação de Araruama - Avaliadora**

Profº Drº Reuber Gerbassi Scofano - FE - UFRJ - Avaliador

Rio de Janeiro

2023

Às crianças e funcionárias da escola Casa da Mangueira que me ensinaram o compromisso sagrado de ser professora e a sabedoria de regar e cultivar o lado profano de fazer festa, vadiar, cantar e sambar para colher uma escola com saúde, leveza, amor, poesia, felicidade, acolhimento e respeito.

Educar é caminhar entre esses dois mundos. Acho que viver é isso também. Agradeço.

Agradeço

Às crianças, que me ensinam a ver beleza nos pequenos detalhes.

À Escola Casa da Mangueira, Mangueirinha no meu coração, que foi minha grande faculdade, formação como profissional e claro, pessoal também. Marcada em mim para sempre. Obrigada pela confiança.

À todas as professoras e encontros maravilhosos que tive na Casa da Mangueira. Cada um com sua singularidade que me tocou e atravessou de forma única.

À minha mãe Glaucia, rainha dos chás, médica que receita doses de samba, sol e mar, que diz que é impossível se arrepender de um mergulho na praia, mesmo se tiver tempo fechado. Minha admiração, meu grande amor, minha base.

À minha irmã Ana, manoca, baby Pitty, minha gêmea com cinco anos de diferença, minha referência! Seus post-its com recados amorosos são sempre muito especiais e encontrá-los durante o processo de escrita foi como um acalanto. Obrigada por abrir sorriso e comemorar a minha presença nesse mundo desde que soube que eu estava dentro da barriga de nossa mãe. Ter Ana como parceira de vida é privilégio gigante.

Ao meu Pai, que transcendeu desse campo quando eu tinha ainda pouca idade mas que preservou em mim seu amor gigante, sua simpatia e cuidado. Saudades sempre. Certeza de amor também.

À Lelê, Amabilona, curica mãe, que me alimenta com o melhor pesto já visto, que me abriu as portas para viver esse pequeno oásis que ela constrói no meio da cidade grande e que pude experienciar, me formar e respirar durante seis anos.

À Virgínia Kastrup, Laura Pozzana e Edu Passos - que além de serem família estendida -, possibilitam, através de seus estudos, uma academia mais acolhedora.

À Lívia, minha querida amiga, grande admiração, misto de potência e doçura, a primeira e única pessoa que escutei na vida dizer que gostava de escrita monográfica, que me deu o

empurrão mais cuidadoso do mundo e me disse "É óbvio que você vai conseguir, Gabaibes, você tem muito tempo (quando só havia 2 meses), eu vou te ajudar!"

À Carina, fadinha com o sedutor sotaque pernambucano, que me ensinou o que é o compromisso diário de encantamento.

À dinda Mari por ter aceitado ser minha madrinha e por dividir a caminhada da vida e do ateliê comigo.

À Rita e Bei por inspirarem com o olhar cuidadoso para os bebês e pelas partilhas piklerianas.

À Nana Carneiro que me acompanhou durante a escrita deste trabalho, guiando e ensinando a arte preciosa de cuidar com as mãos imersas no barro.

À minha psicóloga Sabrina, pelo cuidado precioso de escuta, pelas meditações, pelo ritual semanal sagrado.

À Maria Lúcia e Soraya pelos cuidados espirituais, pelas mãos poderosas, pela disponibilidade de cuidado.

Ao Lucas Rolo, pela amizade e pela melhor parceria de estudos e bibliotecas.

À Ana Hermeto, amiga irmã, leitora curiosa, conselheira espetacular, admiração gigante.

À Ceci, minha borboleta azul, amiga irmã, pela ajuda com suas mãozinhas delicadas que possibilitaram que esse trabalho tenha uma versão impressa e encadernada manualmente.

Ao Arthur, que esteve nos últimos anos ao meu lado, como amigo e amor, escutando meus prantos, me encorajando e apoiando.

A todos meus amigues, que hoje entregam essa monografia comigo. Por escutarem minhas angústias ao longo da escola e da faculdade. Tenho certeza que nem unzinho se salvou de me ajudar em algum trabalho, me aconselhar ou me dar abraços para seguir. Obrigada pela alegria e zoeira de sempre. Me sinto sortuda por ter vocês ao meu lado.

Ao meu padraço Zé Carlos por abrir as portas de sua casa para eu finalizar o trabalho imersa no mato, em ar puro, rodeada de cachoeiras e muito verde.

Ao Ju e Pedrito, família estendida, por me possibilitarem dar muitas risadas e ter leveza na reta final do trabalho.

À Fernandinha e Roseli, minhas ídolas, pela arte de cuidar, pelas comidas encantadas da horta, pelos chás de atoveran, pelos grãos quentes de feijão enrolados no pano para aliviarem minha cólica.

Às tias do bandeirão da UFRJ. Ao Rafa do Austerius, pelos cafezinhos em dias chuvosos. Ao Itamar pelas xerox, pelas músicas apresentadas e pela alegria de sempre.

À Mônica e Priscila pela orientação acolhedora, pelo tempo dedicado, pelas viagens filosóficas.

À Anilda, minha anjinha, pela ponte com as famílias, pelas massagens, pelas roupas costuradas.

À Gigi pelas extensas conversas, almoços e todo cuidado de sempre.

Às famílias da Casa da Mangueira, pela parceria.

À todos os professores, inspetores, porteiros e funcionários que cruzei ao longo da minha trajetória.

A meus sobrinhos Cecília, Letícia e Matias. A meus irmãos, tios, primos. À vó Marna, pelas orações.

A todas as mãos potentes e criativas, que preservam tempos calmos: coisa sagrada nos tempos atuais.

Sozinha ando bem, mas com vocês, ando muito melhor. Obrigada, rede.

Glaucia, Ana S, Jet, Carol C, Ceci, Mel, Nina, Diana, , Lau B, Ana H, Bei, Clara S, Alice A, Clara B, Thiago, Rolo, Val, Bibi C, Joana L, Alice F, Bibi M, Maria S, Giovanna, Clara B, Clara E, Phil, Annik, Dora, Liora, Bernardo, Lucas, Breno, Arthur, Carvalho, Theo, Rosa, Zé, Ernesto, Ravi, Antonio, João, Dani, Mari, Gô, Leo, Vó Marna, Dada, Dorinha, Bibita, Pedro, Rafa, Lelê, Ceci, Matias, Mib, Fernanda, Marcinha, Laura, Zé Miguel, Nina, Rose, Maria Flor, Chico, Lili, Marcelinha, Virgínia, Edu, Gigi, Ester, Zé Carlos, Maria, Luiza, Ju, Pedrito, Matheus, Roseli, Fenandinha, Carol F, Fran, Bela, Jabuti, Joana, João, Julia M, Lau Ribs, Watts, Lu N, Mari Ana, Mig, Thais, Theo, Bruna, Flavia, Helena, Bia, Fábio, Marina, Gisela, Paula, Ana B, Maria Lucia, Silvana, Soraya, Sabrina, Nana, Marília, Thayná, Luisa, baby Zack, William, Felipe, Bia, Joca, Nino, Lelê, Lívia, Anilda, Julia, Barbara, Carina, Cassu, Cecília, Clara, Dudu, Glênio, Helena, Jessica, Letícia, Lia, Marcela, Marcelo, Mari, Marina, Moana, Mônica, Naná, Raphaele, Raquel, Stéfany, Tereza, Tayná, Vanessa, Vitória, Deise, Denise, Elieser, Fernanda, Karina, Mari, Marluvia, Raisa, Raquel, Tami, Hellen Viviany, Laura, Helena Maria, Luzia, Bernard, Eliane, Tatá, Paola, Rita, Maitane, Rafaela, Rê, Mariah, Mari Benchimol, Lia, Brenda, Isabela, Alice M, Emília, Lis, Bel G, Laurinha, Robson, Cristália, Thati, Felipe, Ju, Lidiane, Ana Beatriz, Saulo, Vitória, Bia, Vitória P, Bia, Michelle, Isadora, Gabi, Maria Eduarda, Fred, Luiza, Lu, Rafaela, Stella, Catharina, Isadora, Fernanda, Nick, Vic, Fabi, Sofia, Tassiana, Lucas, Monique, Deise, Reuber, Silvia, Tetê, Roberta, Joana, Helena, Henrique, Pedro, Lu, Janaína, Anselmo, Renato, Renata, Naza, Nívia, Zé, Pedrinho, Seu Antônio, Moema, Natália, Manu, Raquel, Marjorie, Leci, Lena, Andrea, Rita, Mirna, Krika, Julia, Isaura, Fred, Renata, Valéria, Aninha, Gerson, William, Bolinha, Ney, Priscila, Sabrina...

RESUMO


A presente monografia se inspira na Cartografia como articulação teórico-metodológica para, lançando mão de um relato de experiência e de uma escrita ensaística, revisitar memórias da minha formação na universidade e experiência profissional na Casa da Mangueira com a Educação Infantil, especialmente pelos registros de documentação pedagógica. Caminhando do início das referidas vivências à minha saída de ambas as instituições de educação, o texto é conduzido pela seguinte questão norteadora: a natureza está em nós? Uma crítica à forma como a natureza é apresentada no ambiente escolar e o barro como caminho para a compreensão de nós, seres humanos, como parte da natureza e não alheios a ela.

Palavras-chave: Cartografia - Educação Infantil - Atelierista - Corpo-Natureza




SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CASA DA MANGUEIRA: UM POUCO DESSE QUINTAL.....	19
2.1. Meu encontro com a escola	19
2.2. As concepções do projeto.....	21
2.3. O encontro com o ateliê (Mergulhar fundo, sair do raso).....	29
2.3.1. O encontro com o ateliê da Casa da Mangueira.....	33
3. AFETOS E EXPERIÊNCIAS NA CASA DA MANGUEIRA.....	37
3.1. O ateliê de artes da Casa da Mangueira.....	37
3.2. Materiais, propostas e linguagens no ateliê.....	42
3.3. O barro em foco.....	70
3.3.1. Barro e suas potências.....	71
3.3.2. "Odeio meu pai!".....	79
3.3.3. Criança de playground.....	80
3.3.4. Caso Valentim - "Argila para aterrar"	82
3.4. Lá e cá: investigações das marcas corporais na Educação Infantil.....	84
3.4.1. Print de barriga.....	85
3.4.2. Impressão de dedinhos.....	87
3.4.3. Para além do rabisco, os desenhos pelas narrativas das crianças.....	89
3.5. Corpo-Natureza.....	92
3.5.1. Parque do Martelo.....	92
3.5.2. Coletando Materiais da natureza.....	93
3.5.3. Atividades no Parque.....	96
4. A ARTE É VIDA E É NATUREZA E SOMOS NÓS...TUDO JUNTO MISTURADO: CONSIDERAÇÕES NÃO TÃO FINAIS DE UMA CAMINHADA.....	103
REFERÊNCIAS	107
ANEXO A	110





Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.



Quando meu olhar
se perder no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter,
no adentro da íris,
a menor sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar,
deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

Conceição Evaristo

1. Introdução

ESCREVO
CADA
LETRA
COM MEDO
E QUANDO
ACABAR
ME ENCORAJA
E OUTRA VEM.


MANA BERNARDES

Pode um texto acadêmico abraçar? Me pergunto.

A ideia de escrever um trabalho de conclusão de curso me afligia demais. Parecia impossível. Compreendo a importância da academia, porém acho esse modelo esteticamente assustador. Ao longo da minha trajetória escolar os textos que exigiam normas e formatos pré estabelecidos sempre ocuparam para mim um lugar de obrigação e não de desejo. O meu prazer, na maior parte das vezes, se deu através das vias alternativas, então concluir essa etapa de uma forma que não me identifico gerou bastante incômodo.

Acho que a escrita é uma das linguagens, mas não se deve menosprezar tantas outras como a fotografia, artes visuais, música etc. Acredito que pode existir profundidade e embasamento em todas elas e quando falo de menosprezar quero defender que quando bem trabalhadas não necessariamente precisam vir acompanhadas de palavras. Essa lógica, em minha visão, é reflexo de uma sociedade adultocêntrica eurocentrada, que hierarquiza a escrita sobre outras formas de comunicação. E os bebês? Não se comunicam? A linguagem deles é menos valiosa? Nesse sentido, Coutinho, Basilio, Cerqueira e Oliveira (2022) comentam:

Esse modelo social pautado hegemonicamente na racionalidade também é aquele que fortalece a dicotomia corpo e mente, cultura e natureza, razão e emoção, erudito e popular, homem e natureza, de hierarquizações do saber e do viver, dentre outras questões (p.137).

A visão ocidental, obstinada em fragmentar e categorizar, nos deixa a marca de uma cultura, social e escolar, que compreende o corpo humano dissociado à natureza. Sobre o olhar ocidental aos povos indígenas, Ailton Krenak (2019) comenta: "parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda." (p.22). Coutinho, Basilio, Cerqueira, Oliveira (2022) complementam essa ideia dizendo que:

a nossa sociedade, com seus aparatos de pensamento e de modos de vida que enfraquecem a potência de existir e resistir, também contribui e fomenta para um distanciamento cotidiano das pessoas e da vida em conexão com a natureza, bem como sabemos, promove uma desvalorização dos saberes tradicionais, populares, intuitivos e sensíveis. (p.138).

Todavia, todo final de ciclo, para mim, vem seguido de um peso enorme, talvez seja a minha dificuldade pessoal com despedidas, mas acredito que a nossa cultura escolar concentra um peso muito grande em trabalhos de conclusão de curso ao invés de fazer uma avaliação processual. Me dá medo. Fico me perguntando como dar conta de tudo, e se eu escrever e me arrepender? Do conteúdo, das palavras... E se eu entregar o trabalho e lembrar que poderia ter falado tantas coisas mais e me deparar com vivências registradas que me geram arrependimento?

Sobre a escrita monográfica, é tudo muito novo, mas venho entendendo, enquanto vivo o processo, que o TCC é apenas um trabalho, que não me resume, nada é certeza. Compartilho um pouco da minha trajetória e me coloco aberta para escutar outras também e assim vamos nos construindo, reconstruindo e aprendendo na troca, parece que o importante é não estagnar. Tenho medo de errar, mas sem dúvidas prefiro estar sempre em transformação.

Trabalhando e estudando, os dias de sexta feira eram para mim possíveis de serem vividos apenas sobre uma esperança criada em torno do momento de reencontro com a minha cama. Talvez em cima do bar que sentaria para beber com os amigos do trabalho após o expediente, mas que teria como o destino seguinte também a minha cama, é claro. Porém teve um período que foi diferente. Contrariando a minha exaustão cursei uma matéria sexta à noite que me fazia retornar à faculdade com entusiasmo. Era aula de filosofia ministrada pelo professor Reuber Scofano. Falo com toda a certeza que foi a aula que mais me marcou em toda a minha trajetória da faculdade e o motivo é a forma de avaliação escolhida pelo docente. O trabalho final consistia em trazer o que quiséssemos para compartilhar com a

turma. Seguido da explicação da proposta era possível observar alunos inquietos e incomodados: "Mas como assim, professor?" "Em que formato?" "Sobre o que?". O que quiserem, no formato que quiserem - disse ele.

Aconteceu então, naquele encontro, uma chuva de cultura e de aprendizado. Tiveram dinâmicas, slides, músicas, poesias, xilogravuras e a turma terminou em lágrimas escutando um rap feito por um discente contando como se viu tocado pelas aulas e o que tinha aprendido com elas. Em uma faculdade farta de seminários e fichamentos, foi um respiro. Me questiono, qual modelo de avaliação é mais eficaz? Todo mundo deveria ter acesso a aula-sarau, ou como preferirem chamar, do professor Reuber Scofano.

Diante do meu desconforto com esse modelo, e entendendo que o trabalho de orientação requer chegar em um lugar confortável tanto para as orientadoras quanto para a orientanda, fui apresentada à metodologia da cartografia como via para suavizar o meu incômodo. Através de uma escrita que possibilita que os sentimentos transbordem para o papel como afirma Kastrup, Passos, Escóssia (2012), "propagar é ampliar a força desses germens potenciais em uma desestabilização do padrão". (p.31). Nesse sentido, meu desafio foi construir um caminho singular como ainda apontam o/as autor/as "conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho." (id, p.31).

Confesso que para mim a cartografia ainda ocupa um campo abstrato, mas minhas orientadoras disseram que ao escrever enquanto vivo e revisito minha prática, já estou cartografando, acompanhando processos. O que me toca e me traz alívio é poder falar sobre a minha experiência, valorizar a primeira pessoa, não como um recurso para inflacionar mais egos intelectuais, afinal não precisa da cartografia para isso, mas sim para entender que todo indivíduo é potente e tem o que acrescentar, que cada experiência é única. Somos seres políticos, produtores de conhecimento, e esses precisam ser compartilhados.

Nesse contexto falarei no presente trabalho sobre o lugar do corpo, da natureza e da estética na escola pela perspectiva da minha trajetória como professora do ateliê de artes da Escola Casa da Mangueira, onde eu pude vivenciar de forma prática e atenta a relação da infância com diferentes materialidades (argila, terra, tinta, água...), me apaixonar e compreender a potência desses recursos. Recorri a registros fotográficos, vídeos e anotações que fiz durante esses anos como forma de me reaproximar dessa experiência, e compartilho uma parte desse material a fim de tornar mais palpável para os leitores deste texto. Um termo de uso de imagens foi assinado por responsáveis pelas crianças retratadas neste trabalho, autorizado exclusivamente para fins dessa pesquisa acadêmica, peço portanto compromisso

ético por parte dos leitores. O nome das crianças também foi alterado a fim de confidencialidade.

Ingressei na UFRJ em 2017 e no mesmo ano entrei na Casa da Mangueira, escola que vim a trabalhar durante os seis anos seguintes. Nesse período, vivemos uma fragilidade democrática e um crescimento do pensamento conservador em nosso país. Estar em uma faculdade pública que, mesmo com sucateamento e tentativas de privatização, resiste em forma de luta e ainda assim é conhecida por sua excelência, e na Casa da Mangueira, ao lado de corpos-crianças e profissionais compromissados com uma prática que visa remar na direção contrária da lógica dominante, foi um respiro para mim.

Falar da conjuntura política se faz necessário, afinal a escola é um ambiente político que se afeta com as políticas governamentais, e que teve que resistir aos anos de (des)governo reacionário que defendia políticas ideológicas de extrema-direita, como por exemplo o movimento escola sem partido, que tenta silenciar as professoras, e o apoio a um marco temporal impulsionando o genocídio de nossos povos originários. Diante disso é preciso resistir: se aliando aos valores democráticos; transvalorando nossa relação com o planeta, com o que temos chamado de meio ambiente, inclusive nos entendendo como natureza e não algo à parte dela; e acreditando na importância de um debate que incorpore as diferenças.

Na efervescência do fim do ensino médio, banhada de esperança que a vivência nos movimentos sociais não deixavam apagar, eu acreditava que a faculdade seria um ambiente revolucionário, que pensasse e falasse sobre novos formatos de educação, criticasse o sistema vigente. Mas quanto mais os períodos foram passando, mais eu fui me desencantando, percebendo o quão retrógrada e quadrada ainda é a academia.

Cursando o segundo período, abriram pela primeira vez a reunião sobre a reforma do currículo de pedagogia para os alunos participarem. A reunião durou por volta de quatro horas, preenchidas por uma discussão careta: qual palavra deveria ficar no centro do mapa? Aquele esquema visual que uma palavra fica no centro e dela setas vão sendo puxadas com temas relacionados. Tudo que se discutiu nessas quatro horas foi se ficaria "educação", "educação pública", "educação pública de qualidade" ou outras pequeníssimas variações sobre o mesmo tema. Lembro do meu sentimento tímido, recém chegada naquele ambiente, desencorajada para falar mas pulsando por dentro pensando que a palavra central deveria ser corpo!

Cursando uma matéria do currículo de pedagogia chamada "Linguagem corporal da educação" a professora pediu para afastarmos as cadeiras e caminhararmos pela sala espreguiçando e acordando o corpo. Não durou muito. Em poucos minutos a professora da

sala ao lado pediu para fazermos silêncio. Nossos corpos foram calados. Rebobina, volta as cadeiras para o lugar, enfileira tudo, professora soberana na frente, dando sua aula enquanto corpos silenciosos e silenciados escutam. Como formaremos docentes da infância em salas sem estrutura para a movimentação do corpo?

Tive também uma aula que comparava a arquitetura e estrutura das salas de aula com as do sistema carcerário, chamando atenção para símbolos como cadeiras enfileiradas, janelas gradeadas e o professor na frente da sala, suspenso, como figura soberana que tudo observa, tema muito interessante e provocativo, infelizmente ainda tão presente no sistema educacional brasileiro. Uma contradição entre o que se critica e o que se pratica que me incomodou profundamente: o formato, posições e concepções de sala de aula que foram criticados eram os mesmos da aula lecionada. Reforço aqui a importância de sairmos da teoria e colocarmos em prática o que acreditamos, afinal, aprendemos não só através do diálogo verbal; os gestos, materiais, ambientes, entre tantos outros vetores, são provocadores também.

Coutinho, Basilio, Cerqueira, Oliveira (2022) consideram que desde a mais tenra infância as crianças são inseridas na lógica dominante. Se não forem repensadas em sua estrutura espacial, metodológica e curricular, as escolas permanecerão como ambientes onde esta lógica de produção neoliberal se naturaliza e é reproduzida. Na contramão desta perspectiva, é fundamental oferecer, em diferentes espaços e na formação dos profissionais da educação, condições para que os relacionamentos aconteçam, as expressões corporais sejam permitidas e a imaginação e a ação sejam instigadas. (p. 137).

Diante desses relatos, sempre compostos de muitas indagações, fui construindo o campo problemático da monografia em foco. Mais indagações vão se somando ao longo do relato de experiência - e conduzindo minha atenção e minhas reflexões, nesse texto também ensaístico - como as seguintes: qual é a trajetória que cada corpo traça em instituições educacionais? A única certeza é que todos eles já foram crianças; como resgatar as potências dessa fase da vida? Porque as abandonamos? O que pode o corpo-natureza? A natureza está em nós? Adentremos na casa, nas memórias, em busca de mais encontros... de algumas respostas... e sempre de mais perguntas: desobjetivo enunciado, entendendo com a Cartografia que a relevância está sobretudo no processo.



2. Casa da Mangueira: um pouco desse quintal.

2.1. Meu encontro com a escola

As árvores sempre me atraíram. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores. A bichos, pacatos ou não que nelas repousam. (FREIRE, 2012, p.25)

Era final de 2016, ano de vestibular, e eu envolvida em debates sobre educação e em movimentos estudantis quando a Lelê, mãe de uma grande amiga, um pouquinho minha mãe também, e além disso diretora e realizadora do lindo projeto e hoje escola, Casa da Mangueira, me convidou para visitá-los. Eu fui. Lembro de estar sentada brincando com algumas crianças, quando de longe vi um bebê subindo uma escadinha de três andares que vinha seguida de uma ripa de madeira e mais três degraus para a descida. Não escondi o meu desespero, logo corri para socorrer, impedir ou hoje interpretando, desencorajar o ato de uma criança segura de seu objetivo e confiante de suas habilidades. Nesses poucos segundos de apreensão fui abordada pela Lelê que disse para mim: "Tá tudo bem, eu conheço essa criança, ele dá conta!" e logo em seguida se aproximou da situação posicionando-se do lado que o bebê iria de encontro; Thomaz, por se dar conta da movimentação preocupada e ver Lelê, já estendeu a mão como quem pede ajuda; mas ela se agachou e disse: "você consegue, estou aqui". Sem dificuldade alguma atravessou uma vez, e outra, e outras mais...

Emmi Pikler, uma pediatra e escritora húngara famosa por sua abordagem pedagógica que instiga o respeito à criança, é uma inspiração para a escola. Quatro conceitos essenciais que costuram sua prática são o respeito, delicadeza, segurança e autonomia e é possível observar esse cuidado quando se respeita o tempo, o ritmo e a individualidade de cada criança.

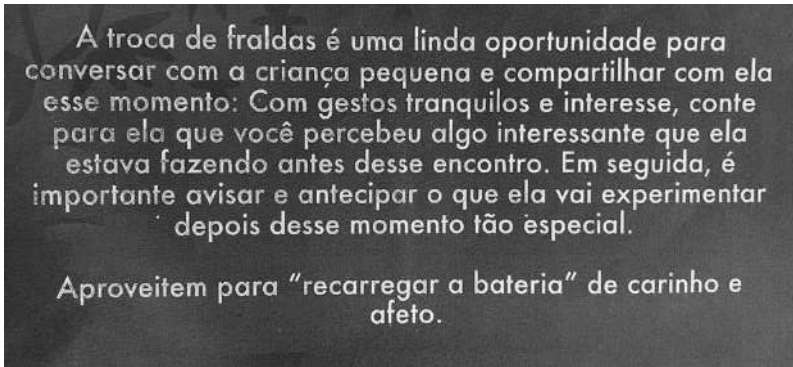
No exemplo acima da relação com Lelê é possível observarmos a teoria pikleriana aplicada na prática. Segundo Falk:

Emmi Pikler estava convencida de que a criança que pode mover-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair; enquanto a criança superprotegida e que se move com limitações têm mais riscos de acidente porque lhe faltam experiências e desconhece suas próprias capacidades e seus limites. (2011, p.18.)

Nos atenta também para a importância do respeito por parte do adulto ao desejo inato que a criança tem de ser ativa (idem, p. 51).

Nós, professoras, tentando ajudar, acabamos muitas vezes atrapalhando e invadindo um processo autônomo sem necessidade. Falk (2011) expressa: "segundo as palavras de Emmi Pikler – a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta." (p. 27). Quem não conhece a teoria, pode achar que o ato do adulto em não ajudar é um descuido, mas Pikler volta a defender que não interferir nas atividades independentes da criança não é um abandono e que trocas de olhares, comentários verbais ou auxílio quando necessário são demonstrações de cuidado que reforçam à criança o seu valor.

Fui atravessada também no corriqueiro momento de ir ao banheiro quando li um cartaz pendurado perto do trocador. Estava escrito assim:



A troca de fraldas é uma linda oportunidade para conversar com a criança pequena e compartilhar com ela esse momento: Com gestos tranquilos e interesse, conte para ela que você percebeu algo interessante que ela estava fazendo antes desse encontro. Em seguida, é importante avisar e antecipar o que ela vai experimentar depois desse momento tão especial.

Aproveitem para "recarregar a bateria" de carinho e afeto.

Eu nunca tinha pensado no momento de troca de fralda para além de sua importância higiênica, mas ao encontrar essas palavras me senti tocada. Desde o primeiro dia fora da barriga, o bebê segue os próximos dois ou três anos usando fralda, trocando-a diversas vezes por dias consecutivos. Uma ação que ocupa tanto tempo da vida de um recém nascido merece ser vivida com respeito e cuidado, de forma prazerosa tanto para o bebê quanto para a professora. A teoria pikleriana reitera que o olhar atento e afetuoso acontece no momento que se toca o corpo do bebê com gentileza e sempre após solicitar permissão. Emmi Pikler atenta às educadoras para que: "as refeições, as trocas de fraldas, o banho, o momento de vestir a criança são as melhores ocasiões de estarem juntos de maneira regular. E é durante estas atividades, sem ter pressa, que se leva em conta as necessidades e as reações da criança e toda a sua participação" (FALK, 2011, p.20).

A abordagem aponta para a importância crucial da parceria da criança no momento de cuidado com o seu corpo, assumindo que esse começa nas pequenas ações. Falk (2011) propõe que "ainda que não possa se vestir sozinha nessa idade, observe os detalhes, acompanhe o processo pela fala da educadora mesmo que não esteja em condições de participar concretamente" (p.87-88) e certifica que:

Evitaríamos muitos problemas se desde o começo, considerássemos o cuidar como um momento íntimo, pleno de comunicação. O bebê não deveria ser considerado como um simples objeto de cuidado, mas como uma pessoa que tem influência sobre os acontecimentos e que estabelece relações, um verdadeiro companheiro. (FALK, 2011, p.34)

Esses episódios durante uma vivência na escola me marcaram. A experiência, -incluindo as reflexões acerca do cuidado que nos coloca em contato direto com a estrutura corporal da primeira infância- dos toques que manipulam o corpo do bebê durante a troca de fralda que se repete tantas e tantas vezes, me fizeram entrar em contato definitivamente com o corpo na escola, desautomatizando essa relação. Foi como uma grande aula...

2.2. As concepções do projeto.

Queremos uma escola com cara de casa; com quintal e árvore pra trepar, rede na varanda e cozinha com cheirinho de bolo saindo do forno! Com horta, espaços amplos, música, risadas e muita alegria.

Queremos crianças correndo, brincando, cantando, dançando, jogando, ouvindo, vendo, sentindo e - assim - aprendendo. Queremos a criança com cara de criança, roupa de criança, sujeira de criança, vontade de criança, curiosidade de criança.

Queremos a terra, a água, as plantas, os bichos. Queremos todas as cores, todas as línguas, todos os ritmos, todas as configurações de famílias, de encontros, de visões de mundo.

Queremos a união da pedagogia libertadora de Paulo Freire com a libertação do currículo dividido em disciplinas. Queremos o respeito ao ritmo e à natureza da pedagogia Waldorf.

Queremos o convite à atividade autônoma da criança e a criação de vínculos estáveis propostos por Emmi Pikler. Queremos o olhar atento e o ambiente preparado de Maria Montessori.

Queremos o aprender a aprender, o encantamento, o prazer da descoberta. Queremos a cultura, a arte popular, os livros, a festa.

Queremos a criança livre, queremos o menino brincando de boneca, queremos a menina moleca, queremos a vó, o vô, a tia, o tio. Aprendendo, ensinando, trocando, conectando, cuidando.

Bem-vindas(os), a casa é nossa!
(Projeto Político Pedagógico da Casa da Mangueira 2023)

Convido vocês a viajarem comigo, permitindo abrir-se para memórias que venham a se manifestar ao entrarem em contato com devaneios da minha infância despertados pelo projeto político pedagógico (PPP) da Casa da Mangueira no que diz respeito à natureza, corpo, e maravilhamento.

Fecho os olhos agora e me lembro das pedras no canto de praias que eu adorava caminhar. Do meu pequenino pé explorando e passeando sobre elas, que de vez em quando ao encontrarem o chão assustavam baratinhas do mar que rapidamente se escondiam nas brechas permitidas pelas rochas. Adentrava trilhas batendo os pés firmes para afastar cobras e com atenção ia em busca de cada cipó para balançar e me virar de cabeça para baixo tal qual as trapezistas que tanto me encantavam.

No caminho recolhia "folhas esqueletos" e buscava "cápsulas verdes" da planta Maria Sem Vergonha, que me despertavam prazer quando estouravam fazendo "ploct" ao mesmo tempo que sementes eram arremessadas. Ahhh, a sensação de ficar horas na beira do mar catando tatuí e sair com mãos enrugadas que chamava de "mãos de velha", brincar com joaninhas de areia, desenhar famílias em conchinhas com a minha mãe, o desejo de me superar o tempo inteiro jogando uma pedra na horizontal na intenção de ver ela pular mais vezes sobre a água, dar alface pro jabuti da creche, os dias de banho de chuveirão na escola em que se enchia uma grande piscina de plástico no formato de tartaruga e que a turma se banhava junto e escorregava de bunda na rampa molhada...

Ao lembrar das vivências do meu corpo na infância em meio a mergulhos, florestas e escola, se deu meu contato sincero com o Projeto Político Pedagógico da Casa da Mangueira (PPP). Esse é o coração da escola, é a cultura que germina nesse ambiente, um recurso para fazer pulsar outros movimentos dentro do corpo da comunidade escolar. Esse documento é renovado e repensado anualmente, o que reforça a importância coletiva e democrática dele.

Através da análise do PPP da Casa da Mangueira, as apostas pedagógico-políticas e sociais emergem, oportunizando memórias e reflexões do que ocorre nesse cotidiano que pulsa. Para além de um cumprimento legal, o PPP é um importante orientador do trabalho pedagógico das professoras. Participei de dinâmicas propostas pela gestão para incluir a voz dos funcionários nessa reforma. Algumas perguntas discutidas em pequenos e grandes grupos foram: “o que está bom? o que podemos transformar?” No primeiro momento fomos divididos em "estações", e em cada uma delas uma pessoa fixa guiava uma conversa em cima de uma pergunta, e enquanto conversávamos os registros eram feitos coletivamente, com canetas e giz de cera, de forma livre: desenhos, palavras... Dessa forma cada pessoa passava por todas as "estações" e, por serem formações de grupos diferentes, em cada encontro novas ideias surgiam apesar das perguntas permanecerem as mesmas. Ao final, os elementos fixos de cada “estação” expuseram para o grande grupo as ideias e os registros que surgiram, e então, tivemos uma longa conversa para pensar qual era a alma e a cultura de nossa escola. Esse compartilhamento e escuta dizem sobre o espírito democrático da escola, que busca estar a todo tempo se renovando. Além do corpo docente, o projeto é apresentado para as famílias quando entram na escola a fim de compartilhar e de alinhar ideais, afinal a escola acredita que a educação precisa ser uma ação dividida com os pais:

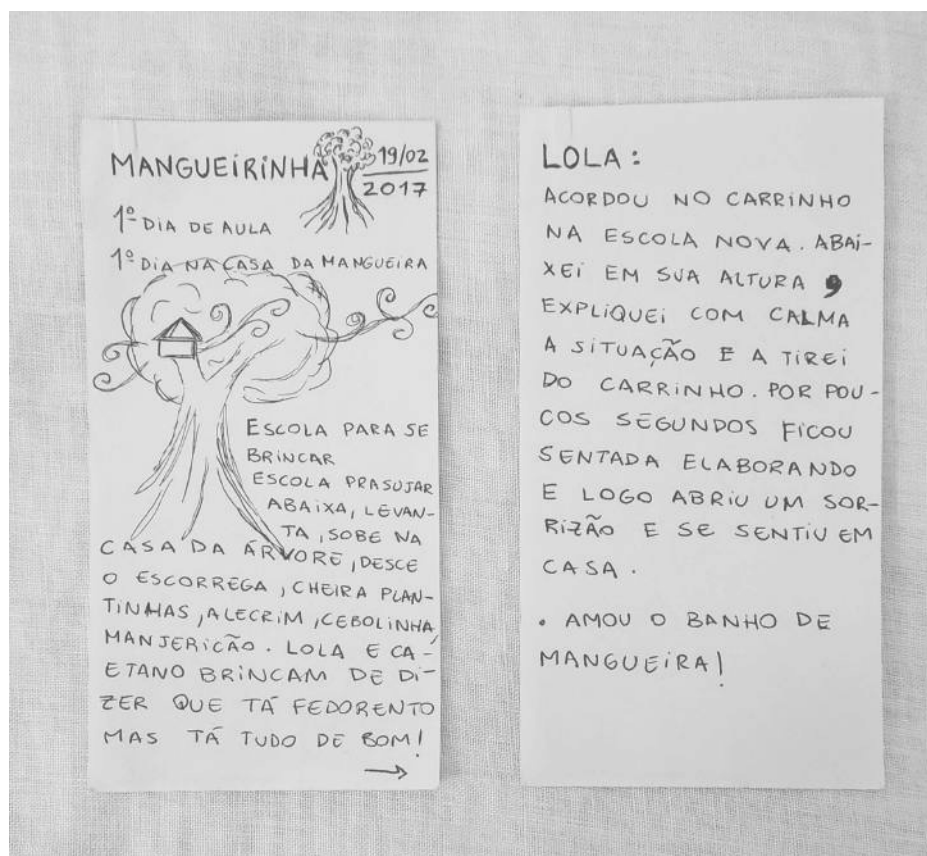
A Casa da Mangueira se propõe a ser um espaço de encontro, de intercessão entre escola e família, onde a educação e o ensino caminhem juntos, onde se valoriza o encontro, o sentido de comunidade, o trabalho coletivo, o cuidado mútuo, a solidariedade e o sentimento de pertencimento a um grupo. Pois assim, a construção desta educação pode ser feita de forma coerente e única. (PPP, 2023 p.4)

A exposição do projeto para os familiares é feita através de uma árvore bordada com palavras desde a raiz até seu topo.

Na Escola Casa da Mangueira, preservar a infância significa zelar para que as crianças possam se desenvolver em todos os seus aspectos; emocionais, relacionais e racionais. Onde possam brincar livremente e estar em constante contato com arte e com a natureza. Onde possam ser crianças e tenham assegurados seus direitos e suas necessidades e respeitadas em suas diferenças e a sua individualidade. Onde seja fortalecido o que é natural em toda criança; a curiosidade, a fascinação pelo novo e o encantamento pelas coisas mais simples da vida. Onde possam ser verdadeiramente autônomas e livres, tenham a possibilidade de escolher, ter seus próprios projetos, ter seu tempo e seu ritmo respeitados e sua infância preservada. (PPP, 2023, p. 10).

Esse respeito é na verdade um direito da criança. No Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990; Brasil, 1990) está registrado o direito à brincadeira, à diversão, à transitar no espaço público, à opinião, à expressão, participação na vida política, garantia de acesso à fontes de cultura, liberdade de criação de valores culturais e artísticos, entre outras concepções estruturantes que são possíveis de observar na prática da Casa da Mangueira desde o seu princípio (antes mesmo de formalizarem o documento de PPP) e que estão hoje cada vez mais enraizadas.

Encontrei essa anotação rascunhada que fiz no primeiro dia de aula em 19 de fevereiro de 2017, que era também o meu primeiro dia de trabalho no Projeto Mangueirinha, como chamávamos carinhosamente:



"Escola para se brincar, escola para se sujar. Abaixa, levanta, sobe na casa da árvore, desce o escorrega. Cheira as plantinhas, alecrim, cebolinha, manjeriço. Lola e Matias brincam de dizer que está fedorento, mas tá tudo de bom! Lola: Acordou no carrinho na escola nova. Abaixei em sua altura, expliquei com calma a situação e a tirei do carrinho. Por poucos segundos ficou sentada elaborando e já abriu um sorrisão, se sentiu em casa."

O projeto Mangueirinha é o início de um sonho compartilhado por Julia, Helena, Rita, Carina e Clara, que se encontraram na busca por parceria para a construção de uma escola que contemplasse seus ideais.

Nos fundos de um casarão em que se produz festas e casamentos, em Botafogo, bairro na Zona Sul do Rio de Janeiro, o projeto começou em 2016 com aproximadamente quinze famílias que apoiaram a iniciativa, compartilhando seus saberes para arrecadar fundos para sustentá-la. Oficinas de sushi e organização de brechós foram algumas das ações promovidas. Como o espaço não foi pensado para ser um ambiente escolar, o chão era cimentado, e resquícios de materiais de eventos eram encontrados eventualmente, sendo necessária uma maior atenção e preparação do mesmo para receber as crianças de forma segura e acolhedora.



Na intenção de deixá-lo mais sedutor, confortável e desafiador, almofadas, panos pendurados, rede, espaldar, pneus, pontes e móveis piklerianos¹ eram dispostos. Além disso,

¹ Móveis de madeira inspirados na abordagem Pikleriana que possibilitam movimentar o corpo, explorar o equilíbrio, entre outras aprendizagens a partir da iniciativa da criança.

para expandir o contato com a natureza e percepções sensoriais o projeto dispunha de caixa de areia, banhos de mangueira, momentos para observação do céu e da florestinha: apelido carinhoso criado pelas crianças para um canteiro com bananeiras e algumas poucas árvores, onde elas gostavam muito de ficar brincando com a terra e fantasiando com chapeuzinho vermelho, bruxa e outros seres encantados.



Para além dos muros do casarão, passeios pela cidade que consistiam desde voltas pelo bairro da escola até parques e praias da cidade eram também caminhos rotineiros.

A Casa da Mangueira é uma escola com valores democráticos, que visa respeitar os direitos humanos e o meio ambiente, que transborda cuidado e se atenta para a importância do convívio com elementos naturais, escola que pensa o cuidado com o corpo da criança e se atenta para a individualidade de cada uma. No PPP, a Casa da Mangueira se compromete com a garantia dos direitos das crianças, remando em uma lógica contrária ao modelo de escola criado na revolução industrial, pautada em uma dominação e controle dos corpos e da natureza, como aponta TIRIBA (2017).

Hoje, a Casa da Mangueira já tem alvará de escola, conta com cento e vinte famílias e a Educação Infantil é situada em uma casa na mesma rua do antigo casarão. Esse espaço que lhes apresento e revisito hoje, banhada de afeto, tem sua fachada tombada. Já seu interior foi construído cuidadosamente pensado para corpos em movimento e exploradores que possam estar em contato com diferentes sensorialidades. As crianças participaram ativamente da idealização desse novo espaço, expressando o desejo pela conservação da florestinha, somando forças para botar um pátio de cimento abaixo e nele criar um quintal com árvores, que preserva hoje duas Mangueiras centenárias que sustentam redes e uma casa na árvore com escorrega, uma grande área de areia, chão de terra, horta, uma casinha de madeira, um túnel, uma rampa e, finalmente, o ateliê de artes!



SANTOS citado por Coutinho, Basilio, Cerqueira, Oliveira (2022) conta sobre seu tempo de infância:

[...] a natureza era primordial; embora meus irmãos e eu não nos déssemos conta do quão primordial era, pois a tínhamos ali diante de nós em abundância. Era na natureza que construíamos nossas casas em cima das árvores, tomávamos banho de cachoeira e nos deliciávamos com os frutos nas diferentes estações. [...] Era nas árvores, na natureza, que a vida acontecia e que nós crianças humanas nos constituíamos das mais diversificadas afecções que esta nos proporcionava. (p.141)

e continua a dizer...

Sejam quais forem esses quintais das nossas experiências vividas, é bem possível que importantes memórias nos marquem e façam parte de quem somos hoje. Entendemos que são esses quintais e seus seres que convidam as crianças às experiências livres, de terra, lama, sorrisos, gritos, imaginação, criação, correria, calma, narrativas, amizades e quantas outras mais forem possíveis. (id, p. 141)

Pensar no quintal e nas concepções de uma escola é uma ação delicada e de muitíssima responsabilidade, pois esse espaço é um terreno que será palco de memórias e experiências que marcam a jornada dos indivíduos ao longo de suas vidas. Considerar a presença da natureza na construção de uma escola é fundamental, uma vez que ela nos constitui e por isso, ao entrarmos em contato com elementos naturais que apresentam diferentes sensorialidades, estamos simultaneamente aprendendo a olhar para dentro de nós mesmos, uma ferramenta crucial para garantir a autorregulação emocional e psíquica, além de expandir as possibilidades de movimento e reconexão com os saberes preciosos de nossos ancestrais.

Esse caminho é contrário a uma lógica mercadológica que muitas vezes permeia as escolas em que as crianças são vistas como um mero produto que a escola lucra em cima. A relevância de formar indivíduos que se reconheçam como natureza é a de que aconteça uma conexão empática para que os indivíduos tornem-se agentes ativos na construção de uma outra relação com o meio ambiente, além de aprenderem a utilizar seus maravilhosos recursos com respeito. Dessa forma, a escola assume um papel significativo na formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a educação ambiental; uma das dimensões relevantes da monografia em pauta.

2.3. O encontro com o ateliê (Mergulhar fundo, sair do raso)

De tanto estar vindo à sombra desta árvore, alguma razão primeira se perdeu no prazer que vir aqui me causa. Devo mesmo é entregar-me ao gosto de vir, vivê-lo, fazê-lo mais intenso na medida em que o provo.

(FREIRE, 2015, p. 20.)

Recém chegada na Casa da Mangueira comentei de um sonho que era fazer um curso no Ateliê Carambola, uma escola paulista com uma forte inspiração na abordagem pedagógica de Reggio Emilia que inclui a arte como um dos pilares significantes. Em 2018, a escola me ajudou financeiramente a realizar esse desejo e ao longo de 2018 e 2019 participei do curso "O papel do atelierista na escola da infância" no módulo iniciante e aprofundado que fizeram meus olhos brilharem novamente com a educação.

O curso foi dividido em módulos que tratavam de alguns temas como argila, grafismo, música, corpo, design e fotografia e a primeira aula teve início com uma breve contextualização sobre a abordagem criada pelo pedagogo Loris Malaguzzi na cidade italiana de Reggio Emilia. A semelhança da conjuntura daquela época com o contexto do atual do Brasil foi pontuada, ocasionando em uma reflexão sobre a importância da arte e da estética como caminhos potentes para se fazer política. Compreendo nessa conversa o termo política como o ato de pensar nas pessoas respeitando suas singularidades.

Continuo acreditando que a beleza constitui a salvação dos homens e das mulheres. Acredito que eles devem ser considerados direitos humanos em vez de necessidades. Na estética, conforme estamos explicando - aquela que promove as relações, as conexões, as sensibilidades, a liberdade e a expressão - , a proximidade da ética aparece naturalmente. No que tange à educação, não podemos abandonar a ideia de unir a estética e a ética... Quando reunidas, elas são uma das maiores barreiras à violência e à opressão. A experiência estética é a liberdade de pensamento. Não é

coincidência que pesquisas de vanguarda sejam sempre oprimidas nas ditaduras. (RINALDI, In: EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 2016, p. 298).

Quando as ideias de Malaguzzi surgiam, a Itália estava vivendo um período desafiador no pós Segunda Guerra Mundial, em que o país enfrentava dificuldades econômicas, políticas e sociais, e ainda sofria com os resquícios do movimento fascista liderado por Hitler e Mussolini. No entanto, foi nesse mesmo cenário que a cidade de Reggio Emilia se reergueu através da educação e da força do coletivo. As escolas foram construídas voluntariamente pelo povo com terras doadas, materiais reaproveitados de sobras da cidade bombardeada (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016). Com a mesma garra que o povo teve para construir a estrutura das escolas, com mulheres, cavalos da guerra e abalando os preconceitos e tradições da época, Malaguzzi apresentou ideias inovadoras para revolucionar o ensino de seu povo.

Esse foi o primeiro passo que busquei para me aprofundar nas linguagens do que é conhecido como abordagem Reggio Emilia e compreender a importância do atelierista nessa perspectiva. O curso aconteceu nos finais de semana, mas tive a oportunidade de passar um dia com as crianças no Ateliê Carambola, experiência que me possibilitou ver as ações do atelierista na prática e retornar ao trabalho com novas inspirações e referências.

As concepções Malaguzzianas são extensas, portanto vou me ater aqui às que mais me atravessam: valorização da estética, compreensão dos ambientes como espaços educadores e documentação pedagógica, costurando ambas com a prática do atelierista.

Atelierista é a função criada por Loris Malaguzzi para valorizar e trazer indagações às crianças através de uma diversidade de linguagens e materiais que permitem a expansão de seus repertórios. É o profissional que tem escuta e olhar atentos ao que as crianças têm a dizer, que compreende a estética como uma proposta essencial. Vea Vecchi, atelierista italiana que trabalhou durante anos com Malaguzzi reforça a importância dessa dimensão e desse olhar "que descobre, que admira e se emociona. É o contrário da indiferença, da negligência e do conformismo" (VECCHI, 2006, p.16; tradução própria). Na pedagogia italiana, escutar é uma ato ativo do adulto de acolher o mundo das crianças e oferecer as condições para que elas possam crescer e aprender. Entendemos portanto, que a escola é um lugar para se fazer perguntas e valorizar a singularidade de cada criança.

É importante destacar que inicialmente, com a chegada do atelierista para trabalhar nas escolas, criou-se o ateliê como um espaço para que as cem linguagens das crianças ("Ao contrário, as cem existem", vide poema no Anexo A) pudessem estar em relação. O ateliê é o

lugar para gerar uma revolução no ensino e aprendizagem nas escolas para crianças pequenas, onde elas possam ter prazer de estar, pensar, agir, descobrir, inventar e produzir. Entendemos o ateliê como uma cultura que se estende por toda a escola, não se restringindo a um espaço fixo.

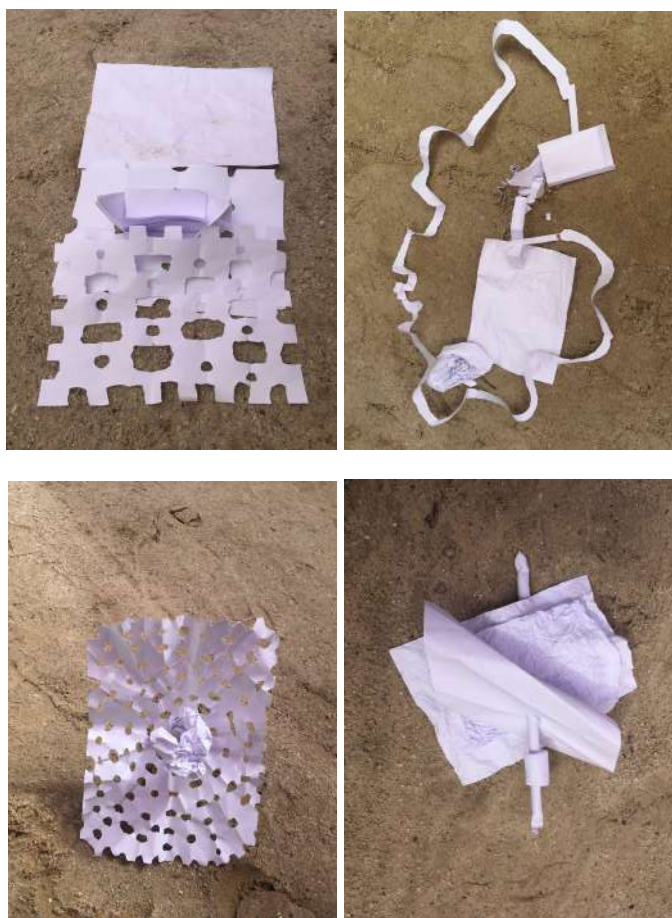
[...] é um espaço que possibilita às crianças encontrar contextos interessantes e atraentes, onde elas podem explorar diversos materiais, assim como técnicas que tenham possibilidades expressivas e combinatórias. Segundo, ele auxilia os adultos a compreender os processos de como as crianças aprendem. Ele ajuda os professores a compreender como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, liberdade cognitiva, liberdade simbólica e rotas de comunicação (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016, p. 301)

O atelierista alimenta o que surge de interesse da criança através da sedução estética, criando ambientes sedutores e espaços de provocação. Importa destacar que é preciso desconstruir a ideia de um professor de artes; o atelierista é como um coordenador pedagógico da área estética da escola. É ele quem organiza sessões, que são encontros propostos com intencionalidade para um grupo pequeno de crianças.

Uma das estratégias pedagógicas é também o uso de pequenos grupos em projetos de aprendizagem e a continuidade professor-criança, o que nomeamos de documentação pedagógica. Trata-se de uma estratégia fundamental na experiência das escolas de Reggio Emilia, pois permite que o professor construa um percurso de reflexão sobre a criança e que ela própria acompanhe o processo de aprendizagem ao revisitar suas produções e percursos. Registros cuidadosos são feitos através de fotos, anotações e pequenos vídeos (que muito me encantam e me conectam com a abordagem), que são revisitados de forma conjunta com o pedagogo no intuito de estudar, valorizar e compreender a complexidade presente na infância e como se dá a relação com as múltiplas linguagens. É o profissional responsável pela linguagem poética e que acompanha os processos, sobretudo de produção de subjetividades; o atelierista é, portanto, um ser cartógrafo.

Volto agora à minha experiência no curso em São Paulo, ministrado por Josiane Pareja, diretora e fundadora da Escola de Educação Infantil Ateliê Carambola. No momento em que conversamos sobre o papel do atelierista ela nos traz uma importante reflexão sobre como nós temos que reaprender a olhar para os materiais e repensar suas possibilidades. Para sensibilizar o grupo ela propôs uma dinâmica. Cada pessoa recebeu uma folha de papel A4, o papel mais tradicional distribuído nas escolas, e então nos deu um tempo para explorar aquela materialidade. Uma colega logo perguntou "Mas cadê o lápis, a caneta?", Josiane respondeu que podíamos fazer o que quiséssemos com aquele material, mas que não teríamos acesso a riscantes. De início se apresentou um desconforto generalizado, mas depois observei pessoas

cortando, amassando, molhando, dobrando, enrolando, furando entre outras tantas funções que o papel A4 pode ter para além de ser um suporte para desenhos. No segundo momento, nos dividimos em grupos e juntamos todas as experiências, criando uma narrativa possível para aquele encontro de ex-papéis A4. Fizemos uma lista enorme com a diversidade de possibilidades que esse material pode ser experienciado: rasgar, furar, dobrar, molhar, picar, amassar, enrolar... Seguem nas fotos abaixo registro da vivência.



Quando retornei com o curso finalizado, tive um momento para compartilhar com as minhas parceiras de trabalho da Casa da Mangueira os aprendizados que me nutriram por lá. Dentre algumas dinâmicas que vivemos escolhi reproduzir a do papel A4 por já ter passado por situações em que professoras, acompanhando meus encontros, faziam comentários como "melhor botar menos tinta, vai rasgar", "pare de amassar o papel" - limitando momentos de pintura, por exemplo. Ao compreender o ateliê como um lugar de experimentação vejo sentido em comunicar que talvez aconteça de rasgar, por exemplo, e então acompanhar o desdobramento que às vezes caminhará para surpresas felizes e em outros momentos em

sentimentos de decepção, que fazem parte da vida e que são importantíssimos de se entrar em contato na infância também.

Após a vivência do papel A4 fiquei muito mais atenta para observar como se dava a interação com os materiais e suas funções pré estabelecidas no dia a dia. É impressionante como está de fato introduzido nos adultos a visão limitadora das tais. Vivenciei diversas situações em que professoras falaram para as crianças não amassarem o papel, por exemplo.

A abordagem de Reggio virou uma inspiração para mim. Vejo nela uma fonte inspiradora para repensar a educação. A concepção do ateliê como um espaço revolucionário e a valorização das múltiplas linguagens das crianças, a arte na educação como um recurso que permeia o cotidiano, o olhar atento à compreensão delas sobre o mundo. Seu enfoque estético e ético, que proporciona uma educação que valoriza a beleza contribuindo para o prazer. Os materiais de qualidade e em grande quantidade... Mas, reforço a importância de se fazer adaptações de acordo com as realidades e culturas. Essa abordagem pedagógica, como é reforçado no livro *As Cem Linguagens da Criança Volume 2* (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016), não são:

[...] simples slogan ou fórmula, uma receita ou commodity comercial, nem mesmo uma moda ou simples tendência. Ela não foi (de fato, nem pode ser) pensada como um tipo de conserto rápido, visto que consertos rápidos nunca funcionam na educação; e, além do mais, programas e modelos do exterior jamais podem ser inteiramente transplantados de um contexto cultural ao outro sem extensas mudanças ou adaptações.... (p.33)

É fundamental adaptar esses princípios de acordo com as realidades e culturas locais, respeitando a diversidade e enriquecendo as experiências sensíveis e estéticas das crianças. Acredito também em uma conversa entre as abordagens, selecionando o que me toca em cada uma e assim vou construindo essas inspirações de acordo com as possibilidades que o contexto cultural e social me permitem.

2.3.1. O encontro com o ateliê da Casa da Mangueira

O meu encontro com o ateliê é alimentado pela paixão de ver beleza nas pequenas coisas, na escuta atenta e nas memórias da minha infância. Me recordo dos momentos em que dedicava-me a empratar minhas comidas, transformando o evento em algo que durava mais do que a própria refeição. Lembro também de ler em looping o livro "Ou isso ou aquilo", de Cecília Meireles, na biblioteca da escola, e das aulas de circo, teatro, dança, artes e dos figurinos para as apresentações que eu adorava produzir e encantavam meus olhos.

No projeto Mangueirinha, eu era seduzida pelos lanches da fruta, em que lindos pratos eram organizados com capricho pelas professoras e desfrutados coletivamente. Mangas

viravam casco de tartaruga, maçãs viravam barquinhos, bananas aviões... e por aí segue esse momento lúdico compartilhado. Eu adorava quando era meu dia de montá-los e reparo como desde o início a sedução estética já era um elemento marcante em minha trajetória.



A importância de ampliarmos nossa compreensão sobre a arte na educação precisa ser reforçada, ir além de momentos e atividades isolados. Se verdadeiramente buscamos uma educação que abrace o "ser poético", enraizado na totalidade do olhar, da escuta e do movimento, expressando-se por meio da mobilização de todos os sentidos, é fundamental enxergarmos tais ações como uma educação estética que transcende ao momento da "atividade/aula artes" e se manifesta no cotidiano escolar.

Após três anos atuando como estagiária e professora auxiliar, me vi saturada e insatisfeita com o meu trabalho. Parecia que, mesmo com todos os esforços para colocar a teoria em prática, essa conexão estava cada vez mais distante. Tenho uma enorme admiração pelas professoras de sala de referência da educação infantil, acredito que é um dos trabalhos

mais importantes que existem, já que a infância é um momento crucial de formação para toda a vida. Pude observar de perto o esforço de professoras que se dedicam física e mentalmente planejando e estudando constantemente como educar de acordo com seus valores, e que mesmo sem receberem o devido reconhecimento, continuam por amor e crença na educação. Além disso comecei a perceber que o meu interesse maior se dava quando acompanhava os encontros de música, corpo, culinária e artes ao mesmo tempo que estava estudando sobre o papel do atelierista e da importância do olhar estético para educação. Diante disso, informei que sairia da escola para viver outras experiências.

Mas ao compartilhar essa decisão fui convidada para assumir o ateliê de artes da educação infantil, turmas de 1 a 6 anos. Desde o primeiro momento me pareceu uma proposta irrecusável, mas eu tinha muitos medos. Eu não sou formada em nenhuma área artística, será que eu vou dar conta? Estava acostumada a trabalhar em equipe, como vai ser trabalhar sozinha? Sou responsável pela formação artística dessas crianças, e se eu falhar? Entre outros...

Mas, apesar das inseguranças, topei. O convite era para assumir o papel de atelierista, que até então não existia na Casa da Mangueira. Sabia o desafio que seria des(construir) o papel da arte na escola: para além do professor de artes. Desde o princípio combinei com a coordenação sobre a importância de ser um encontro com pequenos grupos e não com a turma toda. Mas percebi também, enquanto vivia, a dimensão e a complexidade do papel do atelierista; dar conta tanto de fazer as sessões, ajudar na organização das salas, fazer documentações pedagógicas, encontrar os professores, apresentar materiais... Fiz o que pude, e me consolo por achar que olhar atento e relação delicada estiveram sempre presentes, mas tenho também muitas autocríticas, que sem dúvida agregam para crescer e desafios ainda a conquistar!

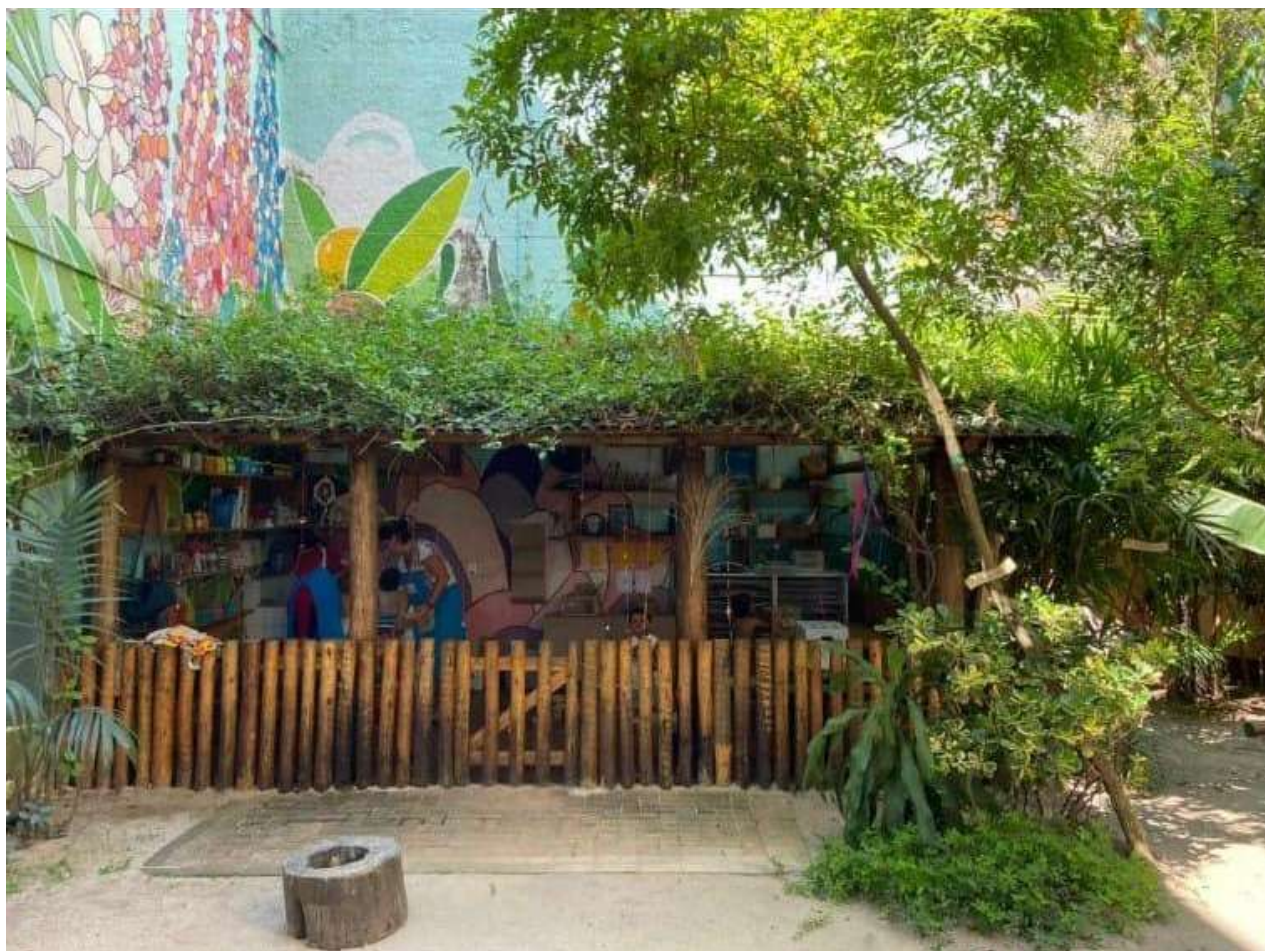


3. Afetos e Experiências na Casa da Mangueira

3.1 O ateliê de artes da Casa da Mangueira.

Sentido é a capacidade de perceber sensações, a partir do corpo e de seus órgãos: língua com sabor; pele com tato, nariz com olfato; olhos com visão; ouvidos com audição. Quando as sensações se misturam, vira sinestesia; quando não há sentir em jogo, apatia; quando não há sentido no sentir, nonsense; quando não há sensação no sentido, anestesia. Para a faculdade do pensar, sentido é o propósito. Para quem faz, sentido é intenção. Diante do desequilíbrio, sentido torna-se senso, tino. Quando não bastam os perceptos, vem o sentido e seus afetos. Para a alma é um adjetivo doido. No argumento, sentido é um ponto de vista. Se, a partir do presente, o sentido é antecipado, é porque está se entrevendo.

Cildo Meireles



Reservo este capítulo para semear recortes da minha experiência prática como professora do ateliê de artes da educação infantil. Iniciarei contando sobre como foi meu percurso nesse caminhar e apresentando o ambiente de trabalho. De forma breve compartilho alguns projetos e materiais explorados e darei ênfase à materialidade do barro, expondo alguns casos e vivências. Ao longo do capítulo destaco exemplos de expressões marcantes das crianças e termino contando sobre a minha vivência no ateliê em meio à floresta.

Quando comecei esse trabalho, em 2020, a animação e dedicação estavam a todo vapor, sentimentos dissipados em três meses por conta da pandemia da COVID-19 que nos obrigou, no primeiro momento, a suspender os encontros e cumprir o isolamento social em nossas casas. Por conta disso, a continuidade de alguns processos tiveram uma menor fluidez ou não se realizaram, mas nos adaptamos e seguimos. Assim que possível, entendendo que o vírus exigiria de nós um recolhimento por tempo indeterminado, adaptamos nossos encontros para o modelo remoto, funcionando no primeiro momento com a confecção de vídeos² das

² Link para assistir alguns vídeos

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1aCc7bnZuQq4t5hyhlyzny-0hgtv5eT_3

professoras propondo atividades lúdicas para as crianças realizarem. Massinha de farinha, teatro de sombras, banho de espuma e organização de cestas com materiais não estruturados são alguns exemplos.

Quando os órgãos de saúde noticiaram que - com os cuidados e aparatos necessários - era possível realizar pequenos encontros ao ar livre com segurança, se iniciou um novo momento em que as professoras fizeram rodízios para ir à escola organizar kits³ com materiais e atividades para enviar aos pequenos que permaneciam em seus lares. Argila com sementes e objetos reciclados, pigmentos naturais para pintura, materiais para colagem, lanterna para brincar de luz e sombra e livros são alguns exemplos.

Com as crianças de seis anos, minha turma mais velha, tivemos alguns encontros por Zoom em que conversamos sobre casas malucas e sobre os “desobjetos” de Manoel de Barros. Ainda online, cada um inventou e desenhou o seu próprio "desobjeto". Surgiram travesseiros de choro de bebê, armas que soltam raio de amor, shopping de hamsters... Esses encontros duraram um período breve pois retornamos presencialmente à escola. Nesse momento o projeto dos "desobjetos" teve continuidade. Os utensílios foram produzidos e até peça de teatro e composição musical foram realizadas junto com as professoras regentes e o professor de música.

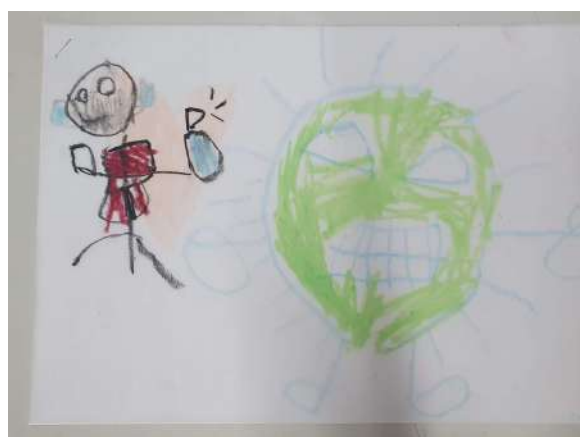
O retorno ao presencial exigiu um período de adaptação, mas as crianças, no geral, tiraram de letra. Vivenciei alguns momentos em que elas se auto regulavam e ajudavam a manter o uso de máscara e o distanciamento adequado, elaborando o momento de forma coletiva e consciente. O ateliê foi um lugar seguro e um recurso muito potente para acolher os pequenos nesse momento de readaptação.

Chegando na escola cruzei com uma criança que estava com muita dificuldade de se separar da família no horário da entrada. Ele chorava muito. Perguntei o que tinha acontecido. A resposta dizia que era saudade de sua mãe. A convidei para ir ao ateliê comigo e fomos conversando. Quando chegamos por lá eu indaguei sobre o que ele queria fazer, o desejo era pintar. Separei primeiro potes de vidro com água, depois dei um papel, a aquarela, e perguntei: “Mat, qual é a cor da saudade?” - acho legal contar aqui que imaginei que Matias iria pintar, mas ficou muito tempo observando o pincel com aquarela tocar à água e com calma a tinta se dissolvendo - me respondeu então que a cor da saudade era azul, enquanto com um pincel continuava a movimentar essa mesma cor que deixava o líquido com uma

³ Link para assistir como os kits eram enviados para casa
https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1kgCqXwxRr7nU4FaaY_E60usDFmap4cSU

pigmentação bem forte e logo em seguida complementou: “é que é a cor de algumas veias, sabia? O coração é azul também.” Um pouquinho antes, recém chegados no ateliê, eu ligava a luz da sala, me organizava e ele me contava sobre a dor no coração de saudade que estava sentindo. Dei um papel e o convidei a desenhar um coração. Ele desenhou e ficou triste, me disse que não sabia desenhar aquela figura. Logo expliquei que cada pessoa interpreta do seu jeitinho e mostrei a imagem de um coração anatômico, em que diferente daquele símbolo mais clássico conhecido no senso comum, tem outro formato e vasos sanguíneos representados na cor azul e vermelha. Depois de muito explorar a aquarela sobre o pote de água, Matias espontaneamente se voltou ao papel e desenhou sua representação de coração. Já não era só vermelho, era multicolor e do seu jeitinho único. Quando Matias já estava mais calmo, observamos a turma para a qual eu ia dar aula se aproximando do ateliê. Curiosas perguntavam o porque do Matias estar por lá. Achei pertinente, diante daquela situação, alterar o meu planejamento e então a proposta foi ampliada à turma. Eu e Mat, juntos, iniciamos uma conversa sobre sentimentos com o grupo. Propus então que cada um desenhasse no papel de base alguma emoção que tivesse latente. Em seguida grampeei uma folha de papel vegetal, com transparência, por cima dos desenhos e propus que nessa folha eles retratassem como podemos fazer para lidar com tais sentimentos.

Leticia compartilhou que sentia medo do coronavírus, enquanto retratava ele com cara de mau em seu desenho. “E para lidar com esse medo o que a gente tem que fazer, Lelê?” - perguntei. A resposta, também visível em sua ilustração, agora na folha sobreposta, foi de que para encarar o coronavírus têm que passar álcool setenta.



Expressou nessa situação sua maturidade em relação aos sentimentos e conduta do momento. Compartilho esse relato porque, além de ser lindo acompanhar a linha de

raciocínio, essa história ilustra como a arte e o ateliê se fizeram essenciais para as crianças elaborarem as dificuldades e tristezas relacionadas ao momento pandêmico que vivemos.

O ateliê de artes da Casa da Mangueira fica localizado ao lado da "florestinha", apelido carinhoso para o cantinho do quintal, muito amado pelas crianças, cercado de árvores, frutas, minhocário e casa de abelhas sem ferrão. Por essa proximidade o ateliê é contagiado por sua magia e beleza!

[...] devemos ir além dos materiais e das técnicas e trabalhar o processo de empatia e a intensa relação com as coisas que o ateliê promove. É necessário pensar nos atelieristas como garantidores da presença tanto da parte expressiva e emocional quanto da parte racional e cognitiva em todas as disciplinas e linguagens. (VECCHI, 2017, p.18).

A arte na escola se estende por todo canto, mas o ateliê é referência para experimentar sem medo de sujar ou limitar, é um ambiente preparado para receber crianças curiosas, com vontade de fazer experiências. Compreendemos a arte como uma área integrada pois observamos que as crianças dançam, cantam, desenharam, mexem no barro... tudo junto ao mesmo tempo. Suas diversas linguagens têm o papel fabuloso de instigar os indivíduos de forma sensível e formar seres críticos e questionadores, que acreditam mais na potência das perguntas do que nas respostas. O ateliê transborda para além dos belos murinhos de madeira e é vivo, no quintal, no pátio, nas salas e até no parque! Cada atividade e material apresentados proporcionaram às crianças o contato com diversos aromas, sons e texturas. No ateliê, quanto mais contato com sensações, melhor!

Apresentar desafios para os quais não se espera uma única resposta é algo distinto de oferecer uma atividade “para fazer assim”, para chegar naquilo que o professor determinou que seria o produto final. Implica em considerar especificidades de um campo de conhecimento que não se define pela norma, pois não há regras fixas no modo de produção da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras. Pesquisar, mergulhar no desconhecido para testar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados, integram o fazer artístico (OSTETTO, 2011, p.3).

Um combinado que desenvolvi esses anos por lá é de não qualificar as produções como feias ou bonitas, a ideia é encontrar beleza no trajeto de cada um. É incrível observar que para a mesma proposta cada criança segue um caminho diferente e estuda os materiais de forma única, deixando suas marcas e traçando suas personalidades. Sem dúvidas me interessa o foco no processo mais do que no produto final.

3.2. Materiais, propostas e linguagens no ateliê

A arte existe porque a vida não basta

Ferreira Gullar

Ao longo dos anos exploramos tintas diversas como guache, nanquim, pigmentos naturais, tintas de argila, tintas com texturas... As utilizamos em azulejos, telas, papéis de diferentes tamanhos e espessuras e, é claro, se estenderam muitas vezes para o corpo todo! Fizemos desenhos com diferentes riscantes - carvão, pastel oleoso, pastel seco; treinamos o desenho de observação de objetos, fizemos massinha de farinha, sentimos as diversas texturas de materiais como o sagu, algodão, palhas... exploramos a luz e sombra, colagens, brincamos com o espaço do ateliê pendurando panos e barbantes, usamos a lupa para observar os detalhes e as miudezas... E além das artes plásticas pesquisamos outras linguagens como a música e a dança.

Gostaria de destacar que as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) salientam a importância de práticas que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (DCNEI, art.9º, inciso IX) como um direito das mesmas e não como algo opcional.

A importância do registro como documentação pedagógica vem sendo apontada nesses documentos: os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil - RCNEI (1998); as DCNEIS, 2010 indicam que "utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças" e a "documentação específica" como "procedimentos para acompanhamento para o trabalho pedagógico e para a avaliação do desenvolvimento das crianças”, como consta no artigo 10º. Em diálogo com a legislação específica para crianças de 0 a 5 anos temos diretamente o conceito de documentação pedagógica utilizada pelas escolas italianas de Reggio Emilia. "Documentação pedagógica é o processo de tornar o trabalho pedagógico visível ao diálogo, interpretação, contestação e transformação" (RINALDI, 2016, p.238).

No processo de documentação, a observação e a interpretação estão intrinsecamente interligadas, só existe uma se houver as outras.

Observação, documentação e interpretação são entrelaçados naquilo que eu definiria como um movimento espiral em que nenhuma dessas ações pode ser separada das outras. É impossível, de fato, documentar sem observação e interpretação. As notas, as gravações, os slides e as fotografias representam os fragmentos de uma memória.

Cada fragmento é imbuído com a subjetividade do documentador, mas também fica sujeito à interpretação dos outros, como parte de um processo coletivo de construção do conhecimento. Nesses fragmentos estão presentes o passado e o futuro (RINALDI, In: EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 2016, p.239).

Sobre a experiência de ser professora no ateliê de artes, mergulhei para documentar como é importante o caminho para o processo de autoavaliação, para dar visibilidade ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças, além de colaborar com a formação docente. Tive a possibilidade de replanejar o caminho traçado, possibilitando um olhar e uma escuta mais atentas para os desejos e necessidades expressados pelas crianças, através de conversas entre professoras, escritas sobre as práticas e observação de fotografias e gravações.

Quando fotografamos materializamos essa existência da prática, potencializamos as especificidades das infâncias. Em um movimento que parte do registro materializado para os processos de subjetivação das crianças que geram caminhos possíveis comprometidos com a pluralidade de experiências singulares no mundo. Os registros abaixo, feitos pelas fotos que afetam, foram delicadamente selecionados com o intuito de provocar mais encontros, mais reflexões, mais perguntas...e quem sabe, algumas respostas.

A seguir mostro alguns exemplos de materiais e atividades.

- **Tinta**



Nas fotos abaixo é possível observar algumas interações que tivemos com a tinta no ateliê. Na primeira foto, Flor pinta em um papel A3, com tinta de espirulina, obtida da alga marinha. A atividade se inicia desde o início da produção, que é feita de forma coletiva entre o adulto e as crianças. Primeiro sentir a espirulina em pó, ver a "fumaça" que sobe quando mexemos nela, adicionar a água imaginando que é uma cachoeira, mexer como se fosse um bolo, sentir os cheiros de cada uma... e depois pintar! Tanto a espirulina quanto outras especiarias naturais (urucum, pó de beterraba, colorau...) misturadas a base de água ou de óleo de coco são um ótimo recurso para usar com os bebês pois não são artificiais e são seguros caso entrem em contato com a boca.





A foto à esquerda é de uma atividade que fizemos utilizando uma mistura de nanquim e álcool absoluto. Utilizamos o conta gotas para despejar a tinta sobre o papel, técnica que exige domínio motor, sendo mais recomendada a partir de 4 anos. Fiz com crianças menores e elas também aproveitaram bastante, ficaram intrigadas com o efeito dessa mistura quando despejada no papel. Entretanto foi necessário auxílio no uso do conta gotas e cuidado para que a mistura não fosse levada à boca.

Em seguida, podemos observar uma mesa, toda coberta de papel, que foi apresentada às crianças com tintas e texturas diversas: elásticas, misturadas com bastante cola, com pequenas pedrinhas...esponjas ásperas e macias também compunham a mesa, expandindo ainda mais as possibilidades sensoriais.



Violeta concentrada desliza seu dedo sobre o lado áspero da esponja.



Por cima da tinta roxa, Letícia arranha seus dedos observando as marcas que eles deixam enquanto tiram o excesso de tinta e reencontram novamente o branco da mesa. Em seguida manuseia de baixo até em cima a tinta com cola, atenta aos limites que a elasticidade pode alcançar.

As próximas fotos são de pinturas que fizemos no chuveirão da escola onde trabalhamos o desenho na vertical. A tinta convida as crianças a darem contornos corporais à elas mesmas enquanto pintam os pés, a barriga, o corpo inteiro. Nesse momento, aproveitam para tomar uma ducha no chuveirão ao mesmo tempo que rolinhos e mãos se movimentam sob o azulejo, permitindo que novos desenhos e histórias sejam desenvolvidos até que a pintura desapareça.



- **Desenho de observação**

O desenho de observação é o ato de desenhar observando detalhes, sentindo texturas, fazendo registros atentos. Diante da proposta de fazer um autorretrato, Gael se olha no espelho e começa registrando no papel os seus machucados, resquício de um tombo que levou dias antes e ainda estava abalado contando para todos. Se volta novamente ao espelho, desenha mais alguma parte de seu rosto e volta a olhar-se no espelho... desenha ou reforça seus machucados no papel intercalando com seus olhos, bocas, cabelo...



Quando termina a primeira parte de seus registros, Gael pede o giz pastel para colorir. Pega o vermelho e então começa a colorir de sangue a sua cara.



Esse exercício ajudou Gael a elaborar o seu tombo e lidar com as novidades em seu rosto, delicadamente registradas no papel.

Quando estudamos o desenvolvimento do desenho infantil entendemos a linguagem do desenho não apenas no sentido 2D, por isso propus que o mesmo exercício se reproduzisse no barro, tendo agora além do espelho o desenho feito por eles como referência.





O desenho de observação se deu também diversas vezes com plantas e flores. Esse foi o caso do Papiro e do girassol em que observamos as miudezas, texturas....



Registramos então no papel...



no barro...



Iasmin pega o papiro e com suas cerdas pinta o papel.



Pedro também nos inspirou, explorando agora pintar para além do papel, por cima do talo do papiro.

Quando pensei na atividade, a função do Papiro não era essa, mas é claro que achei incrível ser surpreendida por essa experiência.

- Projeto Lupa

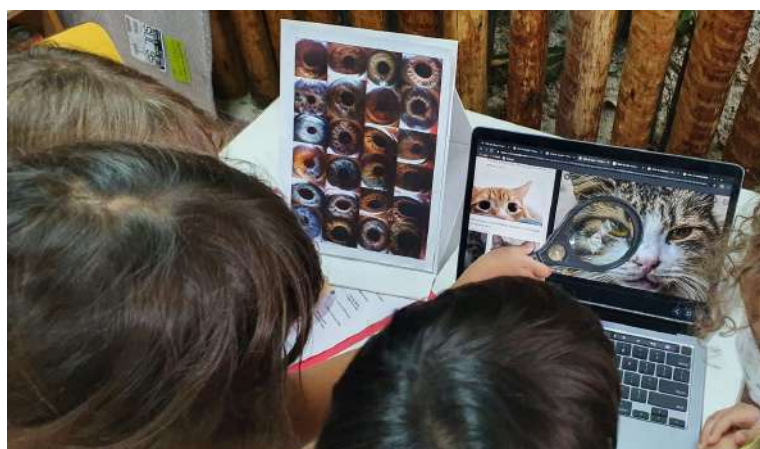


A lupa demonstrou ser um objeto de interesse altíssimo das crianças. Observando isso, imprimí fotos delas segurando a lupa nos olhos, deixando-os enormes. Dispus pelo ateliê para que pudessem acessar.

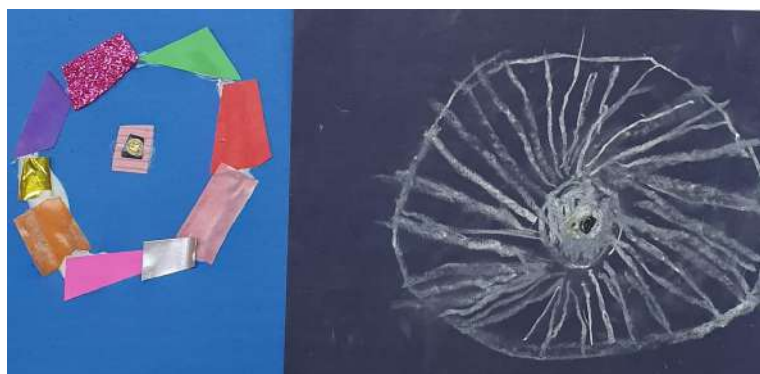


No encontro seguinte, imprimi a foto de olhos anatômicos e zoom de pupilas e dispus na mesa junto às lupas. Muitas hipóteses foram criadas: será que é uma espaçonave? Buracos negros?

Depois de muito especularem, voltei às imagens impressas deles com os olhos grandes e dei espelhos para que observassem ao vivo como crescem e diminuem dependendo da posição da lupa. Joca compreendeu que eram pupilas na impressão, mas disse que eram pupilas de coruja.



Juntos, começamos a pesquisar então como eram os olhos de cada animal.



Registramos então, olhos e pupilas através de colagens e desenhos.

- **Luz e Sombra**

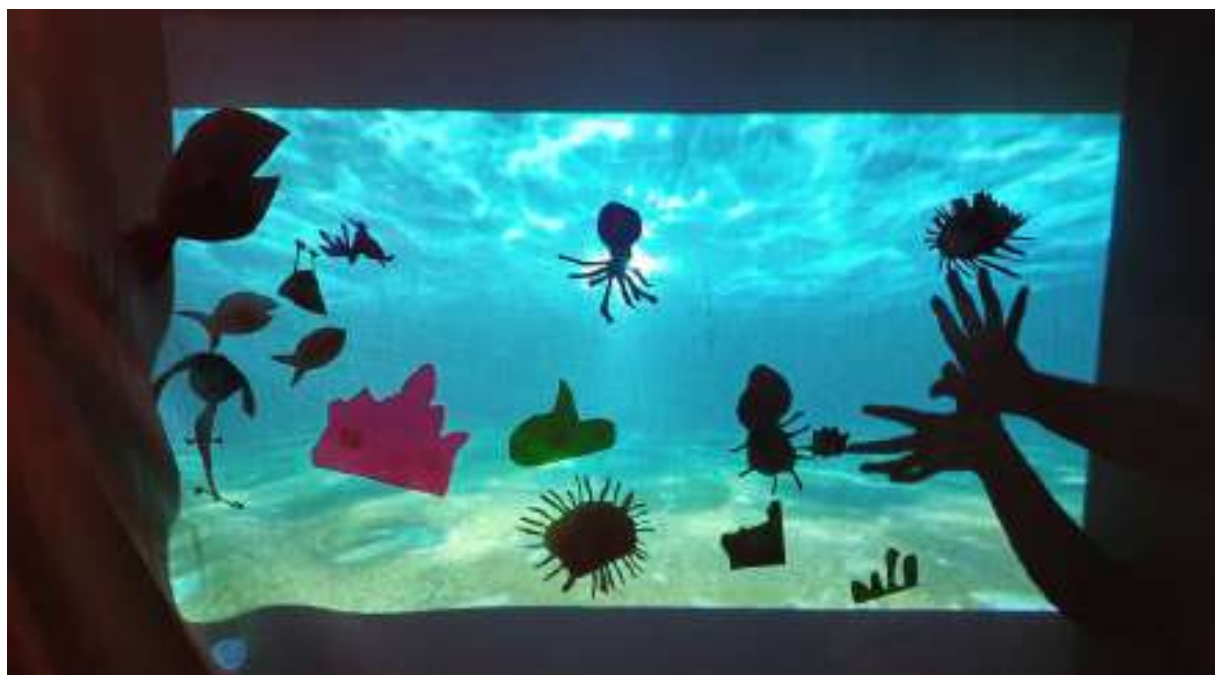


A experiência de brincar com luz e sombra desperta muito interesse nas crianças. Observar as silhuetas, estar no escuro, entender o jogo de crescer e diminuir dependendo da distância da luz é fascinante. Por conta disso montei essa instalação no ateliê que permaneceu por algumas semanas. Primeiramente pendurei um grande tecido para escurecer o ambiente que é aberto e dentro instalei um projetor voltado para outro tecido, possibilitando a formação de sombras quando algo é posicionado entre um e outro. A luz projetada era da cor azul e nas brincadeiras de teatro de sombra comecei a observar que a narrativa do mar estava aparecendo com muita frequência.



Pescando essa informação, no encontro seguinte projetei um vídeo de fundo do mar, pelo ar barulhos de ondas e sobre a mesa separei livros com essa temática acompanhados de papéis e canetas. Algumas crianças se animaram então para desenhar os seus próprios seres marítimos, que depois propus de recortarmos para brincarmos com suas sombras também.





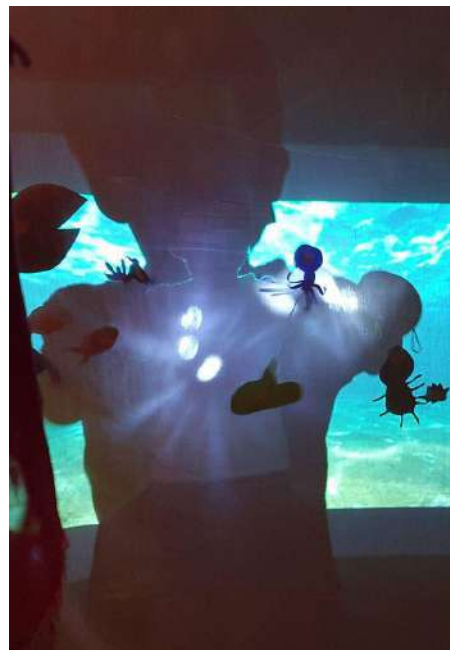
Pela sala pendurei outros tecidos caídos do teto em direção ao chão e também alguns barbantes para a experiência ficar ainda mais sensorial. No chão alguns rolinhos de papel higiênico estavam dispostos em cestos. O desafio de encaixar e acumular eles sobre os barbantes aconteceram diversas vezes, ação que trabalha a coordenação motora e desafia a gravidade. Depois de alguns rolinhos encaixados algumas crianças me pediram para dar um nó no final e a instalação virou então algas marinhas e monstros assustadores.



A festa junina estava se aproximando e por isso acreditamos que nada mais pertinente do que substituir os peixes de plástico da pescaria pelos seres do mar criados pelas próprias crianças. Polvos, algas, submarinos com pescadores presos dentro e sereias grávidas foram pescados na festa junina, aproximando e instigando ainda mais a brincadeira.



A proposta de luz e sombra seduziu também os pequenos de um e dois anos. Para eles entreguei pequenas lanternas. Tito explorou pressionando o lado que sai a luz colado ao seu dedo e concluindo: "meu dedo tá vermelho!".



- **Projeto Dança e grafismo**

O projeto Dança e Grafismo surgiu do desejo de proporcionar às crianças o contato com outras linguagens artísticas no ambiente do ateliê para além das artes visuais. Planejei alguns encontros para trabalharmos a ideia do corpo dançante e as marcas que ele deixa.



A sequência fotográfica disposta acima foi uma proposta que fiz tendo como referência Segni Mossi, projeto italiano de movimento e sinalização gráfica para crianças e adultos. O convite foi para que ao som de uma música uma criança dançasse enquanto as outras, ao assistirem, imaginassem que tinha um lápis nas extremidades do corpo da dançarina, tentando assim reproduzir o desenho que essa dança fazia no ar em seus papéis dispostos em pranchetas.



Antes de começar mostrei como referência o vídeo⁴ de outras crianças fazendo a mesma proposta e também uma animação⁵ em que cada movimentação que o bailarino William Forsyth faz, uma linha aparece representando o movimento feito por ele.

⁴ Link para assistir o primeiro vídeo apresentado às crianças durante o encontro
<https://www.youtube.com/watch?v=Di56qTbdW7o>

⁵ Link para assistir o segundo vídeo apresentado às crianças durante o encontro
<https://www.youtube.com/watch?v=n8-N2qZ-TuE>



Em outro momento exploramos colorir de cabeça para baixo e para cima deitado sobre um bolão e também nos desafiamos a desenhar com o giz entre os dedos do pé.



Além disso, separei em uma mesa com diversos tipos de plásticos, de mais leves como celofane e sacolas de mercado até mais duros como PVC. A proposta era que cada criança escolhesse um, amassasse bem, ficasse agachada em formato de "sementinha" e quando soltasse imitasse o movimento do plástico abrindo. É lento? Rápido? Cai para frente? Para trás?



Em outra atividade o convite era para dançar, em alguns momentos junto e em outros separado, segurando telas de pintura que iniciavam com uma gotas de tinta no centro. No final observamos qual desenho a dança de cada um deixou na tela.



Essas foram algumas atividades que contam como a dança apareceu um pouco em nosso ateliê.

- Projeto Frutas (expandindo para o olfato)



O projeto frutas vem com a ideia de aprofundar a observação dos sabores, do paladar... Como se desenha a sensação de tocar na casca do abacaxi? - provoqui.

Frutas com diferentes sabores e texturas foram dispostas sobre a mesa, e no primeiro momento as crianças foram convidadas a tocar, sentir suas texturas, aromas...





Com a mesa farta de frutas conversamos sobre suas origens e juntos recolhemos mangas e pitangas do pé. Adicionamos à nossa mesa.

Apreciamos imagens de pinturas de natureza viva dispostas em livros e fotos e então fizemos desenhos de observação.



No final do encontro, é claro que provamos as frutas diversas, provocando sensações e caretas variadas. No final despejamos suas cascas e sementes na composteira que fica disposta na florestinha, ao lado do ateliê.

Como continuação do desenho de observação de alimentos, fizemos através do olfato, tato, visão e paladar a observação de pipocas que atentamente uma por uma confabulamos sobre o que se pareciam: "a minha parece um polvo", "a minha é um avião"... As crianças

adoraram a experiência de cozinhar junto, se surpreenderam com a transformação da pipoca enquanto eu fui surpreendida ao saber que muitas não sabiam que o milho era sua origem. Pensei então: mais uma característica das crianças da cidade.



- **Ateliê heurístico/experimental**



O ateliê heurístico são encontros em que o espaço do ateliê é preparado com objetos do dia a dia das crianças.

A diversa variedade de materiais e texturas sem uma pré definição de suas funcionalidades possibilitam que as crianças explorem de forma criativa. Pote de cozinha vira bateria, fuê vira baqueta, rolinhos de papel higiênico viram armadilhas, tampinhas de pilot viram garras afiadas...



- Argila



A argila é um material muito versátil. Ao longo dos anos no ateliê trabalhamos com diferentes cores de barro como terracota, tabaco, porcelana... e com as crianças apelidamos elas de nomes diversos se tornando então argila tomate, argila neve, argila grafite entre outros. Nossa argila vira tinta, para pintar no papel, ou colorir a própria argila mesmo.



Vira suporte para imprimir folhas, recortar sua silhueta...



Marcar cotovelos, pés, mãos...



E para complementar a experiência usamos pinhas, palitos, rolhas, arames... Na foto abaixo Enzo usa rolinhos de madeira e batedor de carne para fazer de martelos e pregos de obra. Em ambas as fotos do lado esquerdo inferior podemos ver também o bonequinhos de pinha e palito de churrasco feito por ele toda vez que chegava no ateliê.



Por compreender a riqueza do barro senti necessidade de dar ênfase a ele, reservando o momento a seguir para aprofundar minhas reflexões e compartilhar vivências.

3. 3. O barro em foco

o barro
toma a forma
que você quiser

você nem sabe
estar fazendo apenas
o que o barro quer.

Paulo Leminski



Ana observando um quadro de pés imersos em barro na exposição do Jarbas Lopes no Museu de Arte do Rio.



Colagem do pé de uma criança da escola amassando o barro junto a foto do museu.

3.3.1 Barro e suas potências.

Tenho apego por desabar em palavras, fazer anotações espontâneas, rabiscos do que vier na telha. Letras garranchos em papéis avulsos, cadernos íntimos ou mesmo em notas do celular. Acho essa uma prática potente, mas pensando agora pode ser fruto de uma maquiagem para se adequar a cultura adulta que filtra as palavras antes de levar à partilha. Seria essa prática então rebeldia de corpos docilizados? Essa reflexão surgiu enquanto eu torneava um barro na minha aula de cerâmica. A argila girando, em total simbiose com a minha mão, caminho que proporcionou sentir o corpo inteiro presente. Minha atenção desvirtua pois escuto uma voz, o assunto me parecia tão familiar. Não tinha mais ninguém na sala, enfim o susto, a voz era eu, transbordando para fora, elaborando sem intenção racional questões que estavam consumindo minha vida no momento. Era eu sozinha na sala, não estava falando para ninguém, não pensei, apenas aconteceu, me percebi criança, vi meus alunos em mim.



No âmbito da Educação Infantil, falamos em ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças como um dos objetivos a serem conquistados, assim como na necessidade de um trabalho que considere as múltiplas linguagens da infância. Porém,

segundo OSTETTO (2011), o que temos presenciado é a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz”. Na Educação Infantil, frequentemente, a arte mostra-se com a roupagem de um conteúdo a ser ensinado em determinados momentos ou um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas” vão por esse caminho).

O barro, ou argila, é uma matéria ancestral com uma história rica na humanidade e em culturas ao redor do mundo. Desde os tempos longínquos é uma matéria-prima utilizada para construir moradias, através de técnicas como pau a pique, e junto com a descoberta do fogo passa a ser utilizado também para a criação de artefatos utilitários e artísticos nomeados por cerâmica (AMARAL, 2020). Além disso, sua versatilidade faz dele um material propício para a expressão criativa.

Em Maio de 2023 tive o privilégio de estar presente em uma conversa com Carolina Campos, apelidada de Dona Carol e Francys Fontes ou Francys Baniwa, antropóloga e filha de consideração de Carol, para escutar sobre a experiência do barro para as mulheres Baniwa.

Baniwa é o nome intitulado ao povo que habita a terra indígena do Alto Rio Negro e Dona Carol vive no município de São Gabriel da Cachoeira. Os Baniwa são conhecidos pelas cerâmicas de cor clara, com padrões gráficos vermelhos-alaranjados e em verniz vitrificado que são feitas sob protagonismo feminino (OLIVEIRA, 2020), mas pouco é divulgado sobre o processo de suas peças antes de ficarem prontas.

Fazer cerâmica para as mulheres baniwa começa na retirada de argila nos igarapés; botam suas cestas de palha nas costas e caminham até o rio que tem argila. Quando chegam, mergulham para recolher o barro de melhor qualidade, sem areias e impurezas. (OLIVEIRA, 2020).

Durante a conversa, Carol conta sobre o significado da argila e do ouro para seu povo, com a intenção de nos alertar sobre a importância de estarmos atentos aos mundos no plural para compreender, então, a conjuntura do momento atual. O significado é, respectivamente, o cocô de uma grande serpente poderosa que pode curar e dar força, e o cocô do diabo, por isso tão destruidor, venenoso, do mal. Resgata, então, a explicação sobre a retirada do barro dos rios dizendo que todos participam, mas que na hora de mergulhar, majoritariamente os jovens; e reitera com uma frase que me admirou: "o processo se faz brincando mas tirando algo muito sério".

Depois de encherem as cestas de barro adentram a mata para coletar cascas de uma árvore chamada Kawa, as queimam e batem com pilão até virar um pó, que vai ser usado para

temperar a argila. A argila é então peneirada para tirar resquício de folhas e galhos. Depois desse momento está pronta para a modelagem. Ferramentas para alisar e polir as peças, como pedras e sementes, também são encontradas na região. Para alisar, dona Carol comentou que utilizam bastante suas salivas. Depois de modelar, as peças são pintadas com pigmentos naturais e barro amarelo. O pincel é feito com uma mecha de cabelo cortado na hora e acoplado a um pedaço de barro. Os desenhos são todos conectados ao território: patas de onça, casco de tartaruga, árvores... Depois desse processo vão catar e cortar lenhas para montarem as fogueiras que queimarão as peças, a fim de tornar o barro mais resistente. Dona Carol conta que a queima é um momento sagrado: para participar desse ritual não se pode no dia comer pimenta, carne e nem estar menstruada; caso contrário, as peças saem quebradas, tortas e os corpos poderão ficar doloridos. Após a queima, o acabamento é feito com uma camada de verniz vegetal obtido da seiva do Jatobá e quando são peças utilitárias do dia a dia são finalizadas com outra pintura e sumo de jurubeba selvagem, levando, então, para uma segunda queima que vai permitir o uso em altas temperaturas e que a peça possa molhar.

Ter acesso a esse conhecimento me encantou, principalmente pela presença do corpo todo durante o processo. Corpo esse que mergulha, se molha, caminha, faz força e ao mesmo tempo mostra sua delicadeza e habilidade para as miudezas, detalhes e cuidados atentos que alisam, modelam e pintam. O respeito a um tempo orgânico e não cronológico também me atentam o olhar. Para ficarem prontas as peças precisam de pelo menos um mês. É preciso ter uma relação estreita com a água, o ar, o fogo e a terra, trabalhar as incertezas, fazer alquimias, ser surpreendida e depois, começar tudo de novo, com a mesma calma. Na foto abaixo Carol e Francisco Baniwa observam a Nana Carneiro, ceramista carioca, fazendo um pote de argila em um torno, máquina elétrica que gira, possibilitando, para quem domina o artefato, fazer peças em poucos minutos. Eles olhavam assustados, ficaram com medo, não quiseram experimentar, nem colocar a mão. O único comentário que fizeram foi: é rápido, né?

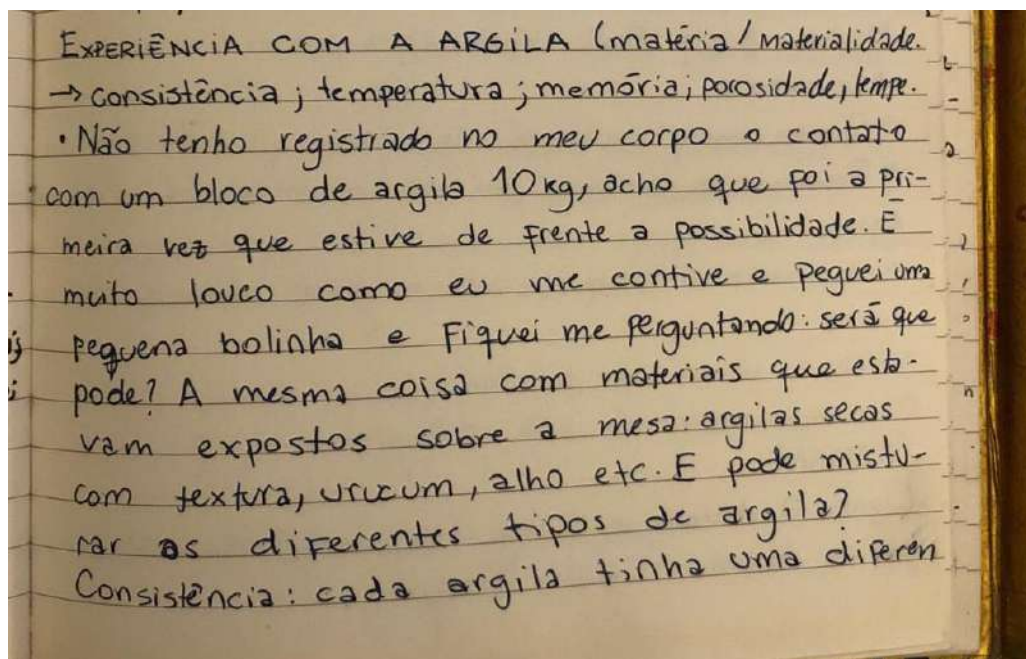


Na foto da direita temos a mão de Dona Carol e de uma criança que também assistia a conversa e aprendeu as técnicas de modelagem do barro. Aproveitei para perguntar sobre a relação da infância com o barro para os Baniwa. Contaram então, que as crianças usam como se fosse um parque de diversões: fazem caminhos, escorregam até a água, ficam na beira do rio moldando com a argila, brincam e depois deixam por lá. "O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra."(KRENAK, 2022, p.118). Em relação à cerâmica, conta que ela aprendeu com sua avó e hoje repassa para os filhos e outras mulheres, que é um momento que sempre tem criança por perto. Reforça a ideia de aprender brincando. Comenta também o lado terapêutico e medicinal do barro, que funciona para dor, para febre e também como equilíbrio para saúde mental.

Estar presente nessa conversa foi um presente em minha vida, expandiu meus olhares e reforçou muito do que eu já pensava, agregando agora a perspectiva Baniwa.

Retomando minha experiência no Ateliê Carambola, encontrei uma anotação em meu caderno que fala sobre o momento do curso em que fomos convidados para explorar o barro. Em uma mesa preparada com diversos tipos de argilas -10kg em cores diferentes-, ralador, argilas em pó e vários utensílios para interagir fomos recebidos, e no meu caderno tenho uma anotação sobre esse dia que diz: "Não tenho registrado no meu corpo o contato com um bloco

de argila de 10kg, acho que foi a primeira vez que estive de frente a possibilidade. É muito louco como eu me contive e peguei uma pequena bolinha e fiquei me perguntando: será que pode? A mesma coisa com materiais que estavam expostos sobre a mesa: argilas secas, com texturas, urucum, alho, etc. E pode misturar os diferentes tipos de argila?"



Minha experiência como professora na Escola Casa da Mangueira foi marcada por muitos momentos de descoberta e trocas junto às crianças. No que diz respeito à introdução do barro no cotidiano escolar pude observar que de início muitas crianças demonstravam receio em relação ao material. Comentavam sobre a semelhança com fezes, reforçando a resistência. Algumas professoras também se mostraram apreensivas e comentaram sobre quanto trabalho e sujeira dava mexer com argila. De fato o barro pode fazer uma grande lambança, mas quanto mais se permite explorar o material, mais familiaridade se cria e menos trabalhoso o momento se torna. O mesmo com outros materiais como a tinta, por exemplo. Já as crianças que tinham algum contato com a argila traziam para os encontros marcas dessa bagagem em que recebiam um pequeno pedaço de barro, rapidamente modelavam, deixavam secar, pintavam com guache e levavam para casa.

Continuei apresentando a argila e com o tempo a intimidade com o material foi crescendo e a curiosidade expandindo. A constância foi fundamental para que as crianças se sentissem seguras e à vontade para experimentá-lo de maneiras diversas. Aos poucos construímos a cultura da argila em nosso ateliê, valorizando mais o processo do que um

produto que se leva para casa sem um acabamento, podendo danificar com facilidade e desvalorizar a produção.

No ateliê, o barro assume um papel especial, tornando-se mais uma ferramenta para a construção de narrativas. Elas brincam, moldam, exploram e, ao final, amassam tudo para recomeçar em um próximo encontro. Nessa dinâmica contínua, histórias são criadas e recriadas, permitindo que a imaginação se desdobre em múltiplas formas. Para ilustrar as possibilidades desse material, deixamos esculturas de barro endurecerem e depois as submergimos em água, observando como retornam ao seu estado original, evidenciando a transformação e a ciclicidade da vida sem a pressão de criar um produto final imediatamente. Acho que o produto tem seu valor mas é importante ter contexto e planejamento para finalizar com calma. Existiu, por exemplo, uma fase em que as crianças da escola estavam gostando muito de fazer miçanga. A escola oferecia diversas miçangas de plástico e durante todo o dia tinha crianças concentradas e entusiasmadas fazendo colares e pulseiras. Aproveitei a deixa e levei colares e brincos de cerâmica para as crianças observarem a funcionalidade que se pode ter também. Produzimos então muitas miçangas de argila, que depois secaram, foram pintadas e finalizadas uma por uma com verniz, para mantê-las mais resistentes e impermeáveis.



A lama é o troféu da menina, a imundície, sua realização, sua patente de investigadora, seu alforje de experiências. As matérias pegajosas que sujam, melam e pregam dotam não só as mãos, mas todo o campo tátil de percepções do atolamento, pois “[...] a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central”. Uma criança melada de lama, que se regala do barro, experimenta, gradualmente, as imagens

iniciais da aflição, do sucumbir, do engolfado, pois, aos poucos, o barro seca, suga e esquenta-lhe a pele, prende-lhe os pelos. O fisgar da pele é um fisgar de imagens que oprimem a ação, que a ameaçam de inércia mortal. Mas, como o brincar é jogo, trato, chave de conhecimento de profundas emoções humanas, a criança diverte-se com o aprisionamento da massa, com o controle de uma situação que, em grande escala, seria desesperadora. (PIORSKI, 2016, p.115).

Na infância, o barro revela-se uma fonte inesgotável de potencialidades. Sua diversa gama de consistências: maleáveis, duras, líquidas, em pó, convida as crianças a explorarem suas habilidades sensoriais e motoras. A temperatura do barro é um convite ao toque e à manipulação, que transcende o simples olhar e convida a explorar suas nuances táteis, olfativas e até mesmo auditivas. Essa imersão pode despertar sentimentos diversos, desde prazerosos até incômodos, não sendo um menos importante que o outro. Ver uma escultura rachar, sentir a argila secar no corpo, ter que desfazer, observar a mudança de cor de um estado para outro, botar mais água do que queria deixando o barro líquido demais, botar água de menos e ter que imprimir muita força... Mexer no barro é acessar as profundezas, sentir prazer, incômodo, trabalhar a frustração, o apego... Mexer no barro é aterrar e se voltar para dentro, reconhecer nossa ancestralidade e deixar as emoções sutis virem a tona. Como reitera PIORSKI, "é um decifrar (pele a pele) dos primeiros fatos da alma" (2016, p.116).

No entanto, o desafio se apresentou quando nos deparamos com situações específicas de muita resistência, como o caso de Vinicius, uma criança que sentia dificuldades em manusear a argila ou qualquer outro material que aderisse ao seu corpo. Nesses momentos, a compreensão, o respeito e o acolhimento tornaram-se fundamentais. Propostas adaptadas e cuidadosamente pensadas como usar pincéis para misturar argila na água e palitos para fazer desenhos em placas de argila permitiram que Vinicius fosse gradualmente se aproximando do material e descobrindo suas próprias formas de interação com o barro, que respeitavam o limite de ter objetos intermediando o barro e seu corpo. A vez que ele mais se animou foi quando usou a tinta de argila para desenhar contas matemáticas que estava entusiasmado aprendendo.

O conceito "sujeira" é um ponto importante de ser discutido neste tópico também pois o barro, areia, lama, viscos, terra, plantas são muitas vezes acompanhados desse adjetivo. O pediatra Daniel Becker nos atenta para a importância de estar em contato com essas materialidades para ter uma infância e vida saudável. Conta que essas "sujeiras" naturais são benéficas para manter a imunidade da criança alta, e que, para além disso, muitos outros ganhos são adquiridos:

Ela vai ter benefícios mentais, vai ficar mais focada, vai desenvolver memória, vai melhorar o sono, vai reduzir a hiperatividade e a desatenção, vai ter benefícios de habilidades executivas, vai ficar mais criativa, mais curiosa; e curiosidade é uma das maiores habilidades a serem desenvolvidas na natureza, ela convida para a descoberta. (BECKER, 2023)

Assim, ao longo desses anos, mergulhamos incansavelmente na brincadeira com barro e lama do quintal, desvendando a riqueza de suas potencialidades e encorajando a liberdade criativa das crianças. O barro não é um material estático, mas um elemento vivo e dinâmico que, ao ser explorado na infância, desperta a curiosidade, a imaginação e a sensibilidade, proporcionando uma experiência enriquecedora e única.

A seguir, contarei algumas situações que presenciei enquanto professora em que o barro e areia estiveram presentes de forma ativa.

3.3.2 "Odeio meu pai!"



Ana, manuseando com força o barro no ateliê, junto de outros colegas de sua turma, soltou como quem sussurra a seguinte frase "odeio meu pai". Na hora paralisei, dentro de mim aquela frase ecoou com força. Sentei por perto, perguntei o porquê de ela ter dito aquilo e iniciamos uma conversa. Me contou que o pai dela não deixava ela ver televisão, contrastando a liberdade que sua mãe dava para viver esse momento. Ufa, de imediato senti

um alívio. Tinha outras crianças, o assunto foi desvirtuando, mas é claro que a atenção permaneceu. Quando finalizou o dia e as crianças haviam ido embora fui até a professora referência de Ana, contei o ocorrido mostrando minha preocupação. A professora me contou que os pais de Ana estavam se separando logo naquela semana. Entendi tudo! Que bom que o ateliê foi um espaço seguro para Ana poder elaborar as dificuldades que estava vivendo em sua vida e que tinha uma rede atenta à ela nesse momento.

3.3.3. Criança de playground

Chegar em uma escola nova pode ser delicado para as crianças e suas famílias. Por acreditar nisso, as crianças que entram na Casa da Mangueira vivem um momento de adaptação e uma das características desse processo é ter um adulto como sua referência, que vai estar mais disponível e com um olhar atento e individualizado para ela.

Em Agosto de 2018, eu fui referência nesse momento da vida do Rafael. Rafael morava em Botafogo, tinha dois anos e logo me encantou com seu sorriso, jeitinho carinhoso e engraçado de ser.

Era sua primeira vivência em uma escola e ele tirou de letra. Teve uma adaptação muito tranquila. Seu ritual era chegar e sair correndo para o pátio andar em uma bicicleta vermelha sem pedal, que o impulso e força são feitos quando os pés tocam o chão.

Tudo me parecia muito tranquilo, mas depois de algumas semanas percebi que Rafael tinha uma resistência maior com a ideia de ir para o quintal, ambiente da escola onde o chão tem areia, terra e grama... Então me coloquei o desafio de expandir os horizontes dele, ir para outros lugares sem ser o pátio, que tem o chão cimentado.



Ilustração do quintal da Casa da Mangueira por Helena Marques: minha amiga e parceira de trabalho.

No quintal tem uma casa na árvore, que para chegar nela é preciso escalar uma escada, e para sair, descer o escorrega. Rafa tinha vontade de conhecer mas demandava colo para subir e também para descer do escorrega. Me posicionar embaixo e olhar para ele com segurança dizendo "eu estou aqui te esperando", ainda não era suficiente, ele tinha muito medo, imaginei que por ser algo novo.

Durante o processo percebi o quão difícil era para Rafael ir ao quintal, já não mais por conta da bicicleta, que apesar do apego, conseguiu abrir mão para frequentar as salas de referência e mesa de lanche. Comecei a entender que a areia era o motivo principal. Ele mostrou não ter familiaridade nenhuma com a textura, se contorcia todo e tencionava seus dedos da mão e do pé ao entrar em contato com ela, fazendo caretas como de quem vive uma experiência nada satisfatória. Esse fato me chamou muita atenção, uma criança, que cresceu no Rio de Janeiro, morando em um bairro próximo da praia reagir com tanta aversão a essa matéria.

Nos primeiros dias foi difícil, logo ele queria voltar para a "sua" bicicleta vermelha. Na tentativa de criar outro plano contei que a casa da árvore era a casa dos monstros e isso o

instigou muito. Essa fantasia fez ele querer vencer todos os obstáculos e rapidamente se adaptar a areia, aprender a subir a escada, descer de diversas maneiras no escorrega. Apresentar o ambiente diversas vezes e respeitar o seu tempo foi muito necessário, mas assim que ele se permitiu, familiarizou-se de uma forma muito veloz. Em duas semanas de adaptação, convivendo todos os dias na escola com outras crianças que frequentavam aquele quintal, Rafael se mostrou completamente à vontade com a areia, já não se contorcia ou mostrava mais nenhum tipo de incômodo.

Mais uma característica da adaptação é manter o contato com a família. Na primeira reunião que tivemos com os pais de Rafael depois dessa vivência, perguntamos sobre a rotina e a relação dele com a areia. Descobrimos que o lugar onde o Rafael mais brincava era o Playground de seu prédio, no qual os brinquedos e possibilidades de exploração não variavam muito para além do chão cimentado e brinquedos de plástico. Descobrimos também que Rafael nunca tinha frequentado a praia.

Na mesma semana, a escola proporcionou um passeio para a praia com as crianças de 4 anos. Antes de sair, as professoras sentiram falta de uma aluna, entraram em contato com a família que comunicou a insegurança diante do passeio pelo fato da praia ser "anti-higiênica". A escola delicadamente replicou trazendo informações sobre a importância desse contato com os ambientes naturais para a infância e os ganhos e benefícios para além da socialização com a turma fora das quatro paredes da escola. A criança acabou indo no passeio e o relato foi que brincou e se divertiu muito, que deitada na areia rolava e deslizava seus braços e pernas abrindo e fechando e disse ter amado estar na praia.

3.3.4.Caso Valentim - "Argila para aterrar"



Tive um aluno que acompanhei durante muitos anos. Primeiro foi meu aluno em sala de aula quando eu era estagiária, ela era minha criança referência. Para qual eu tinha olhar atento e pude viver momentos íntimos e importantes como acompanhar a importância de seu sono, colocar ele para dormir, trocar sua fralda e ver ele crescer. Nos momentos que colocava Valentim para dormir cantávamos sempre as mesmas músicas. Uma que aprendi em uma vivência de um curso de palhaçaria e que veio a virar um mantra para mim até hoje:

"Ó Estrela d'alva,
Olha a luz do dia.
Estrela d'alva,
Olha a luz do sol.
Estrela d'alva,
Não me deixe sem meu guia.
Estrela d'alva,
Não me deixe só."

e a outra é "Lenda do Pégaso" canção de Moraes Moreira, música que escutei muito na minha infância.

"Era uma vez, vejam vocês, um passarinho feio
Que não sabia o que era, nem de onde veio
Então vivia, vivia a sonhar em ser o que não era
Voando, voando com as asas, asas da quimera"

Até que comecei a acompanhar a trajetória do Valentim agora do ateliê de artes. Valentim gostava de ir pro ateliê, sendo muito criativo, minucioso, detalhista. Mas quando algo não saía como o esperado ele descontava em ataques de raiva, gritos, fugas, que eram difíceis de dar contorno ao seu corpo, desestabilizando assim muitas vezes a sua turma como um todo. Conversando com suas professoras, pensamos em usar o ateliê como recurso para contornar esse corpo. Combinamos que durante aquela semana Valentim seria convidado para ir ao ateliê no início dos dias ao longo da semana. Ele geralmente topava, pois era algo que ele gostava. Das vezes que apresentou alguma dúvida era por querer a companhia de algum colega ou ansiedade de estar perdendo alguma atividade com o resto da turma. Chegou a

acontecer encontros em duplas, mas achamos que naquele momento uma atenção individualizada era importante. Valentim durante todos os dias me pediu para pegar a garrafa com tampinhas de latinhas de refrigerante. E, então, criava buracos e escondia uma por uma dentro de um grande pedaço de 10k de argila. Depois, pegava um fio de nylon e cortava todo o barro até encontrar elas todas novamente. Ao final eu pedia ajuda para guardar a argila, momento em que socar a argila era a maior intenção, imprimir força, liberar energia na terra, enquanto prepara ela para guardar e usarmos em um outro momento.

Valentim começou a aparecer em momentos que eu nem convidava me pedindo para ir para o ateliê e as professoras contaram que o convívio na sala de aula naquela semana foi mais tranquilo e harmonioso.

Comecei a contar esse caso contextualizando a minha trajetória com esse aluno porque em um desses encontros meus com Valentim perguntei se ele lembrava da época em que eu colocava ele para dormir todos os dias e das músicas que eu cantava para ele. Na hora ele começou a me cantar a música do pégaso, meus olhos encheram de lágrimas e mais uma vez relembrei e tive a certeza da potência do trabalho dos professores e de todos os educadores.

3.4. Lá e cá: investigações das marcas corporais na Educação Infantil



Ao nos depararmos com uma fotografia, somos imediatamente transportados para um universo de possibilidades interpretativas. Cada pessoa traz consigo uma bagagem única de experiências, emoções e perspectivas, que resultam em diferentes maneiras de enxergar e compreender uma imagem. Quero esclarecer que neste trabalho pretendo explorar minha

interpretação pessoal de alguns "clics" e compartilhar o que me toca neles, mas deixando aberto um espaço para diálogo com outros pontos de vista, pois acredito que essa é uma ferramenta que pode ampliar ainda mais o olhar respeitoso e cuidadoso para as crianças e às práticas do educador.

3.4.1. Print de barriga

Mel é uma criança que me convida a pensar sobre o lugar do corpo na educação infantil. Ao entrar no ateliê, é com frequência que logo pede para tirar suas roupas e inúmeras vezes, transborda a experiência para o seu corpo, escolhendo ele como objeto de estudo. O exemplo do "print de barriga" que segue abaixo foi um estudo que se repetiu inúmeras vezes de forma espontânea, em dias diferentes e com materiais diversos.



1) Ao escorrer o rolinho de tinta pelo corpo, Mel abre um sorriso sapeca, que me fixa e convida a observá-la. Quando me olha sinto nela um mix de uma felicidade de quem está aproveitando as sensações que despertam quando o rolo e a tinta encontram seu corpo e também um prazer de subversão: eu posso estar fazendo isso? Respondi apenas com um olhar atento de quem dizia que naquele momento não havia problema algum, era o ambiente propício para tal exploração.



2) Em seguida ela se deita pressionando sua barriga pintada sobre o chão. Qual deve ser a temperatura desse encontro? - Me pergunto.



3) Ao levantar, com o olhar que não desvia do ponto de confluência da barriga com o chão, ela diz pulando "tem um pouco de mim por aqui!".



4) Corre para um outro papel, cumprido e suspenso em cima de um banco. Agora seu corpo fica pendurado, os pés não encostam no chão para que mais força seja impressa. Será que vai marcar por aqui também?



5) Observa então o registro que sua barriga deixou e diz: "Olha, minha barriga está lá agora!"

Quando Mel vê a marca de sua barriga nos lugares e diz "Olha, minha barriga está lá agora!" penso que uma das coisas que Mel aprende nessa caminhada é o seu poder de deixar suas marcas no mundo, nem sempre físicas, mas que sempre te afirmam como produtora de cultura, como uma pessoa com capacidade de influenciar e tocar outras pessoas. Essa produção inevitavelmente é



vivida no corpo, pois é através dele que as crianças exploram o mundo, desenvolvem suas habilidades motoras, expressam suas emoções e consolidam suas experiências. Quando Mel faz essa experimentação outras crianças observam, tentam reproduzir também e diante da mesma proposta cada uma tem descobertas e vivências singulares.

3.4.2. Impressão de dedinhos



Quando preparo o ateliê para as crianças de 1 e 2 anos, que estão vivendo um contato inicial com o barro, organizo o espaço com grandes blocos

de argila no plano baixo para possibilitar que elas consigam se apoiar para manusear e vivenciar o material imprimindo força e experimentando com o corpo inteiro. Quando o contato se torna frequente são oferecidos sobre mesas e em pedaços menores, que exigem mais habilidade e delicadeza.



É recorrente a ação das crianças enfiando os dedos na argila e depois retirando para observá-los. Se interessam quando se vêem no barro e começam um processo investigativo em que a repetição desempenha um papel importante. As crianças aplicam força, retiram o dedo, observam a marca e repetem esse processo várias vezes. É por isso que é essencial apresentar os mesmos materiais e propostas com frequência na educação infantil, para permitir que as crianças explorem e investiguem de forma contínua. O dedo é um dos exemplos, mas o mesmo acontece quando se arranha a argila, se fura com palitos, tampinhas ou qualquer outra parte do corpo.



3.4.3. Para além do rabisco, os desenhos pelas narrativas das crianças

O desenho infantil é muitas vezes visto como passatempo ou algo sem valor, mas se colocar atenta para as narrativas e interpretações é valioso e surpreende o olhar adultocêntrico que tende a se acomodar no raso, no que é concreto. É muito comum escutar a palavra "rabisco" para qualificá-lo, como algo desvalido, banal. Edith Derdyk, artista plástica e pesquisadora do grafismo na infância, diz em relação às crianças que "Seus rabiscos provêm de uma intensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado na pontinha do lápis. Este funciona como ponte de comunicação entre o corpo e o papel." (DERDYK, 1989, p.63). Amo essa interpretação que traz o desenho como expressão corporal e não apenas como um símbolo gráfico sem emoções e sentidos.

Abaixo compartilho um registro que fiz enquanto um grupo de crianças pintava com guache sobre uma parede de azulejo.

Com curiosidade, pergunto: o que você desenhou aí, Alice?



Aqui? Uma
parede sendo
demolida



Aqui eu fiz
uma cruz



Aí eu fiz uma
saia...



e fiz uma
proteção.



Aí está
escorrendo
chuva!
Tuuuudo
abaixo!

Gabi: E você Thiago, o que está desenhando?



Thiago:
O meu é a cor
de uma
piscina, que
bateu raio de
sol e ficou
dourada!

Tenho o costume de fazer perguntas às crianças, nunca com a intenção de que as respostas sejam verdades duradouras, até porque em poucas horas a explicação à mesma indagação pode ser completamente diferente, não menos valiosa.

Fazer perguntas, registrar e acessar novamente o material é uma prática frequente para professoras que gostam de estudar como se dá a formação da teoria das crianças. Essa prática valoriza as diversas interpretações, perspectivas e teorias e quando compartilhadas às crianças reforçam também que não existe uma única verdade, expandindo a oportunidade de hipóteses. Além disso, quando são questionadas e convidadas a explicar o seu ponto de vista exploram com mais profundidade o autoconhecimento e as maneiras de se auto representarem (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016).

Deixo à psicologia a interpretação mais profunda dos desenhos mas trago a importância de se colocar aberta ao maravilhamento, ao ato de ser surpreendida e convidada à reflexão. A interpretação de Alice é para mim de uma complexidade absoluta: ao lado de uma parede sendo demolida e por isso frágil a representação de uma cruz, objeto por muitos interpretado como sagrado, vestida com uma saia. Ato esse de vestir que se faz com bebês e bonecas que precisam de cuidado. Não bastando é ainda mais amparada quando ganha uma proteção em volta, que lhe protege da chuva. Dessa forma fui atravessada pela pintura e descrição também feita por Alice. Já Thiago nomeia a cor que poderia ser um simples bege de "cor de uma piscina, que bateu raio de sol e ficou dourada!". Com as noções adultocêntricas do que é certo, poderia dizer ao Thiago que aquela cor é bege e não dourada pois falta o

brilho, enquanto lhe mostro um papel dourado para deixar claro a diferença e acabar com toda sua graça e destruir sua teoria. Mas a ideia é exatamente o contrário, valorizar suas narrativas e tentar embarcar nelas. As interpretações das crianças me emocionam; é o olhar poético que muitas vezes perdemos ao virar adultos.

[...] na infância, podemos encontrar as raízes da filosofia, as raízes da ciência, as raízes da curiosidade e as raízes da ética. Nessa capacidade infantil de desenvolver teorias podemos observar a liberdade de coletar elementos de ideias e montá-las de uma maneira original. Nessa busca por respostas na infância, vemos raízes de uma atitude filosófica. Esse hábito infantil de perguntar "por que" é a única forma de manter o que é essencial na vida: a curiosidade. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016 p. 241)

Quando deixamos de lado o estado de maravilhamento, abandonamos a possibilidade de ser surpreendido, de ver poesia e de se ter conversas profundas. Passamos a enxergar apenas rabiscos, dando respostas rápidas, pouco curiosas, que desvalorizam todo o processo complexo de pesquisa das crianças. O convite aqui é para que todos os adultos resgatem a criança interior que mora neles para viverem, então, em um estado de maravilhamento.

3.5. Corpo-Natureza

"...sabe que somos, nas horas serenas,..
Habitantes delicados das florestas de nós mesmos".
(Bachelard, Gaston cap 8 do livro "A poética do espaço")

3.5.1. Parque do Martelo

Tive o privilégio de ter encontros com as crianças imersa em meio a Mata Atlântica. Localizado na rua Miguel Pereira, no bairro do Humaitá, desfrutamos de uma parceria com o Parque do Martelo, em que nas sextas-feiras o espaço é destinado à comunidade da Casa da Mangueira. Dessa forma, as crianças já tem bastante familiaridade com o local, que dispõe de um parquinho central com brinquedão, escorrega e roda roda, colmeias de abelhas nativas sem ferrão, hortas, árvores frutíferas, trilhas diversas, uma casinha de pau a pique com garrafas de vidro para iluminar e apenas um espaço coberto com uma pequena sala e banheiro. Apesar da familiaridade, é um ambiente com uma diversidade muito grande e de novidades, deixando as crianças instigadas e curiosas para explorar, descobrir e desenvolver a cada encontro novas teorias e brincadeiras.



A rotina por lá começava com um momento de chegada no parque, em que as crianças se reencontravam e brincavam livremente. No momento seguinte as turmas eram distribuídas por espaços onde cada uma tinha encontros com um professor da área de artes: visuais, música, jardinagem ou corpo. Depois desse momento, lanchavam, brincavam mais um pouco mescladas com as outras turmas e então encontravam outro professor de artes.

3.5.2. Coletando Materiais da natureza



Adentrar as trilhas da floresta com atenção no olhar, ouvidos abertos e sentidos atentos foi algo rotineiro. Lupas, cestas e bolsas para recolher "tesourinhos" no caminho nos acompanhavam. Maravilhar-se, se deixar ser tocado pelas surpresas do caminho era o convite.



Joca encontra uma planta enroladinha no chão, desenrola ela e quando solta, ela se enrolhe de novo. Me mostra e diz que achou um tesouro precioso!

Uma planta que pode ser coração e pode ser beijo! - Colocou então em sua bolsinha e seguiu o caminho em busca de novos encantamentos.



Amora encontra um Lírio da Paz e sente a textura áspera de seu interior. Gosta.



Na próxima parada, contrapondo a experiência vivida anteriormente, explora a maciez de sua pétala.



Na volta de nossa caminhada que proporciona a expansão de sentidos e encantamentos, uma rodada para compartilhar os elementos coletados acontecia. Diversificamos os métodos de apresentação, separando os materiais por paleta de cor e tamanhos, por exemplo.

Retornando ao conceito de sedução estética, compartilho que antes de encontrar as crianças, um tempo para preparar o ambiente que iria recebê-los era reservado.

Nesse, geralmente eu explicava os planos previstos antes de adentrarmos às trilhas. Na volta, com as coletas feitas, terminávamos juntos de organizar a estação para dar continuidade ao planejamento proposto.

3.5.3. Atividades no Parque

Reservo agora um momento para abarcar brevemente algumas atividades propostas no Parque, começando pelas comidinhas que apareceram com bastante frequência. A preparação do ambiente começava no estender de toalhas que serviram de base para a distribuição de livros que abordassem a questão da comida, panelinhas e cumbucas e é claro folhas, frutos, terra, água, cascas, especiarias em pó e diversos recursos potentes que a natureza ao nosso redor podia nos oferecer.



Depois de bastante tempo de brincadeira, eu propunha às crianças o despejo delicado de suas comidas para algum ser da natureza.



O saci pererê, bruxas, fadas e orixás que habitam o parque se davam bem! Um dia fui surpreendida com a oferenda para o espírito do futuro (pasmem) gato de Cecília. Achei de uma profundidade tamanha.

Dentre as diversas bruxas do parque, Judith nos deixava vestígios com frequência. Reza a lenda que ela não aparece na frente das crianças pois se assusta com muita facilidade mas algumas crianças juram que já viram ela... Nesse cenário, em meio a floresta, diversas vezes fomos surpreendidos com estações de produção de poções mágicas que tinham velas, incensos, livros, pós preciosos, pedras, ervas, caldos coloridos, olhos de bode, pés de baratas entre outros toppings nojentos para adicionar a mistura.



Ao adentrar e caminhar na floresta, é comum escutar que alguém viu uma fada, uma bruxa, um fantasma... as colegas também procuram, algumas corajosas, outras com medo do desconhecido... Alguns concordam, conseguem ver também. A narrativa encantada de bruxas, fadas e outros seres que nos deixam pistas é muito comovente e ocupa um lugar entre o medo e o fascínio para as crianças, que instigadas e envolvidas, transitam com o assunto do parque



para suas casas, escola entre outros cantos.

Quando planejamos um dia com as crianças é importante pensar em momentos de expansão e outros de recolhimentos. Nos momentos que pediam calma e aterramento, acendemos velas, ficamos em roda, e o convite era de ao olhar para dentro, perceber a respiração, entender o que tá bom e ruim, documentar sonhos, intencionar coisas boas... Observar o fogo é uma atividade muitas vezes hipnotizante: qual é a sua cor? O que ele te desperta? - confabulamos.



Dentro da área coberta do parque, o chão de cimento tem marcado a silhueta de algumas folhas. Conteí isso às crianças propondo um desafio: quem sabe onde fica? Fizemos uma inspeção e chegando no local Bruxa Judith tinha nos deixado sacos de argila. Tamanha coincidência não podia ser desperdiçada, usamos a argila para fazermos nossa própria versão de folha impressa. Preparei também outras duas estações para explorarmos formas de imprimirmos os materiais da natureza: de tinta em que com suporte de um rolinho depositamos nos materiais e imprimimos em papéis e botando folhas da floresta por baixo do papel branco e passando giz de cera na horizontal por cima até sair seu esqueleto.



Na foto abaixo Bernardo delicadamente dispõe sua folha sobre um pedaço de argila. Com a ajuda de um rolinho de madeira ele desliza para cima e para baixo imprimindo força para deixar a marca. Quando tira, observa as linhas de sua folha impressas.



Além dessas atividades também confeccionamos mandalas, coroas, pulseiras, bonecos, colares com materiais naturais...



Agradeço imensamente pelos preciosos dias no parque que resgatam a potência das sensações, das narrativas, do encantamento, do corpo, e conseqüentemente, da vida.



4. A arte é vida e é natureza e somos nós...tudo junto misturado: considerações não tão finais de uma caminhada.

Encerrar esse trabalho é falar da relação difícil que tenho com as despedidas. É assumir o fim de um ciclo, é me despedir de duas instituições que me foram grandes moradas nos últimos anos. E agora, quem sou eu? - me pergunto. Quais caminhos seguir? Apesar da insegurança, agradeço pela bagagem farta, pela aprendizagem, confiança e oportunidades. Muito obrigada Casa da Mangueira, que o amor de sua bandeira⁶ caminhe sempre comigo, muito obrigada UFRJ. A seguir faço minhas conclusões não tão finais sobre essa caminhada.



A relevância desse trabalho se encontra na compreensão de que precisamos de uma outra cosmovisão, de um entendimento do corpo enquanto natureza e de que a escola seja fundamentalmente um espaço para isso.

A escola Casa da Mangueira é localizada no Rio de Janeiro, uma grande metrópole. Volto a contextualizar esse fato para situar que as crianças e adultos que relato neste trabalho são imersas na vida da cidade, que têm pressa, que não olha para o céu, não anda descalço, enxerga a terra e a lama como sujeira, troca dias por noites e junto a isso, se afoga em telas, consome desenfreadamente, fazendo com que os indivíduos se afastem do próprio corpo. Como bem relata Nêgo Bispo "Os povos da cidade precisam acumular. Acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza" (SANTOS, 2023, p.10). Acontece que:

"A natureza está em nós. No ar que respiramos, na água, nas roupas, na madeira, na luz. Somos nós. Somos da mesma matéria que as árvores, os rios, seus peixes. Somos regidas por sol, lua, estrelas,

⁶ Referência a música criada pelas crianças da escola que diz em seu refrão "Muito obrigada Casa da Mangueira, escrevi amor na nossa bandeira...".

ventos e mares. A pouca floresta que nos resta determina as alternâncias de temperatura da Terra, a sobrevivência de muitos seres e a produção de alimentos. (pág 26 do livro "quintais brincantes: sobrevoos por vivências educativas brasileiras").

Em uma visita à Casa da Mangueira, do pajé Txana Ixa e sua esposa Paran, indígenas que habitam a Amazônia Acreana na fronteira entre o Brasil e Peru, fui apresentada aos mesmos como professora do ateliê. Eles me perguntaram o que fazíamos naquele ambiente. Quando fui contar sobre os blocos de argila, que geralmente defendo com sorriso no rosto e que são exaltados pelos estudiosos progressistas, pensei na tristeza do fato de que tocar no barro, se deliciar com frutas do pé, respirar ar não poluído, comer sem agrotóxico entre outras ações terem de ser uma reivindicação, uma luta, enquanto deveriam ser um direito, uma condição. Dessa maneira compreendo que trabalhar na Casa da Mangueira é um privilégio gigantesco, tenho consciência de que existem ambientes escolares em que as condições de trabalho são muito discrepantes da realidade retratada em tela e por isso coloco esse ensaio a disposição com o intuito de agregar contribuições para pensar em uma escola que construa corpos-natureza.

Diante dessa contextualização, concluo que hoje estamos carentes de sensações e acredito que o resgate à elas é um caminho que acontece através das experiências que, como defende Larrosa (2002), transformam o indivíduo. Sendo assim, um pequeno pedaço de argila na escola é potente sim! É um recurso que grita e convoca para o aterramento, que convida os corpos a resgatarem suas potências, que propõe um olhar para dentro, de se reconhecer na materialidade também composta por terra, água, ar... Krenak, perfeitamente, reitera que "Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% água e um monte de outros materiais que compõem" (2019, p.69).

Simas (2021, p. 23) nos atenta que em oposição à vida não está a morte, mas sim o desencantamento, a perda de potência, de axé. "Morte e vida não são meras condições fisiológicas: a morte é a espiritualidade do desencanto e a vida é a disponibilidade para o encantamento. Muitos mortos, lembremos disso, dançam. Muitos vivos parecem ter perdido a capacidade de dançar." As crianças pequenas insistem em integrar todas as experiências: dançar, desenhar, narrar... elas, na visão adultocêntrica do que é correto, do que é verdade, insistem em subverter. Acontece então um confronto entre os ideais de quem já foi dominado pela cultura dos desencantados, como trouxe Simas, e dos pequenos gigantes que ainda são cheios de prazer, que gozam da descoberta, das sensações. Inspirada pelos pensamentos

Malaguzzianos compreendo que a arte mora dentro das crianças, é o modo delas de aprenderem, é a imaginação, o maravilhamento, a curiosidade. Seríamos então Corpo-Arte-Natureza, tudo junto misturado?

O conceito "Corpo-Natureza" é uma provocação para que nós, seres-humanos, desçamos de um palanque onde nos enxergamos como mais importantes do que outros seres, é um pedido de resgate dos nossos corpos enquanto cosmos. É o apelo por uma educação ambiental que dialogue com a urgência de transformarmos a lógica de consumo vigente. É a compreensão de que a natureza não está à parte como observo em algumas escolas que apresentam plantas higienizadas e organizadas simetricamente no chão para receber as crianças ao mesmo tempo que outras plantas caídas das árvores do próprio colégio são varridas e jogadas no lixo. A interpretação de natureza nesse caso, é apresentada como sujeira e descolada de nós, contradizendo o que até aqui defendemos.

Estar em uma escola que tem árvores frutíferas, horta, areia e terra, mas principalmente estar com as crianças em meio à floresta me proporcionou encontros abundantes e profundos que, muitas vezes, me fizeram atentar para a relação entre a vida e a morte: temática sobre a qual pretendo me debruçar em outro momento. Me fascina a naturalidade que as crianças, enquanto brincam, abordam o tema. "Essa folha morreu"- escuto Ana dizer enquanto se agachava para pegar uma folha esqueleto no chão. Nina, então, retruca dizendo: "mas ela faz o chão viver". Compreendendo que estou fechando um ciclo com essa monografia, e que outros se iniciarão, anuncio que não adentrei no assunto mas compartilho que encontrei na natureza, junto às crianças, um sentido, um acalanto, em meio a tantas perdas e lutos que fazem parte da minha trajetória e que se intensificaram ao longo da pandemia de Covid 19. Entre mergulho e trilhas, fui percebendo ciclos, ciclos dentro de ciclos, que têm lógica e também lógica alguma. Alguns frutos caem maduros outros vão cair verdes, o mar um dia é ressaca e em outro maré mansa... assim como nós, que somos natureza, somos vida, somos morte, somos arte... e a arte é vida e é natureza e somos nós...tudo junto misturado!

Não vejo outro caminho senão retornar à terra, se voltar com atenção para os saberes, sabores e tradições dos nossos povos originários, usando a arte e a infância como caminho de encantamento e força para transformar a lógica vigente. É urgente a percepção da inteireza dos corpos, como simbiose entre o que no senso comum se entende por corpo, mente, universo, emoção, entre outros.

Desejo que todos nós, em nossa busca constante para dar mais sentidos e qualidade à educação, uma educação voltada para a dignidade das existências, nos questionemos como

Vea nos questionou, perguntando se não podemos ter um ensino e uma aprendizagem que incluam fascínio, ética, beleza, prazer e rigor - todos eles, e não algum subconjunto preferido. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016)

Quando eu era pequena aprendi a fazer desejos toda vez que me deparasse com um Dente de Leão pelo caminho. Até hoje quando vejo aquela plantinha com um pompom cor de véu pelo chão, me agacho, peço licença, busco fôlego enquanto observo o ar empurrando minhas costelas e assopro...esvazio meu pulmão enquanto vejo a multidão de pequenos frutos, que contêm sementes menores ainda dentro, pairando pelo ar, semeando nossos desejos pelo grande cosmos de nós mesmos. Desde o início do presente trabalho, venho brincando com a metáfora do Dente de Leão, mas só hoje, faltando dois dias para entregar o texto à banca, fui surpreendida enquanto caminhava à horta por uma flor amarelinha no chão que minha mãe me atentou o olhar dizendo ser Dente de Leão. A mesma que semeamos sonhos? Perguntei. Aprendi que no ciclo do pompom branquinho, tem também uma linda flor amarela, me delicieei com tamanha poesia. Na sequência fotográfica abaixo, eu e minha irmã, juntas, assopramos nossos desejos. Resgato tais fotografias da minha infância como um convite para sonharmos coletivamente. Vamos?

Agradeço pela partilha,
que nos encontremos mais vezes pelo caminho.



REFERÊNCIAS

AMARAL, Débora. *A expressão criativa da argila com crianças*. 1a edição. São Paulo, 2020.

BECKER, Daniel. Daniel Becker faz palestra em Rio Preto sobre o desenvolvimento integral da criança. **Diário da Região**, 02.mai.2023. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/cultura/daniel-becker-faz-palestra-em-rio-preto-sobre-o-desenvolvimento-integral-da-crianca-1.1240994> Acesso em: 15/11/2023.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial,2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010

COUTINHO, Joice Carvalho; BASILIO, Priscila de Melo; CERQUEIRA, Maria Marta de Andrade; OLIVEIRA, Diná Teresa Ramos de. Educação infantil e afeto: tecendo os fios, desatando nós, construindo ideias, desemparedando a vida e as infâncias. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 134–147, 2022.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo. Scipione,1989.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. Aspectos gerais. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança**. v.1. Porto Alegre: Penso, 2016.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. Aspectos gerais. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança**. v.2. Porto Alegre: Penso, 2016

FALK, Judit et al. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. São Paulo: JM, 2011.

FOCHI, Paulo. **O Brincar Heurístico na Creche: Percursos Pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil - OBECI**. Porto Alegre, Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018.

OLIVEIRA, Thiago da Costa. **Cerâmica Baniwa**. 1.ed. São Gabriel da Cachoeira; São Paulo. FOIRN, 2020.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012

OSTTETO, Luciana. E. **Educação Infantil e Arte: Sentidos e Práticas Possíveis**. UNESP, 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320> acesso em 11/2023.

PASSOS, Eduardo (Org); KASTRUP, Virgínia (Org), ESCÓSSIA, Liliana da. (org). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PINAZZA, Monica Apezato e GOBBI, Marcia Aparecida. **Infância e suas linguagens**. 1.ed.. São Paulo: Cortez, 2014.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos de chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Casa da Mangueira, Rio de Janeiro, 2023.

QUINTAIS BRINCANTES, **Quintais Brincantes: Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras**. Instituto Alana, 2022. 110p. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/pt/acervo/quintais-brincantes/> Acesso em: 10 nov. 2022.

SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. 1a edição. São Paulo: Ubu Editora, 2023

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas: uma história do Brasil**. Civilização Brasileira, 2021.

TIRIBA, Léa. Educação infantil como direito e alegria. **Laplage em revista**, v. 3, n. 1, p. 72-86, 2017.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.

VECHI, V. Estética y aprendizaje. In: HOYUELOS, A. (2006). **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Barcelona: Octaedro - Rosa Sensat, 2006.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1a edição São Paulo. Companhia das letras, 2019.

ANEXO A**Ao contrário, as cem existem**

A criança
é feita de cem.
A criança tem
cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
as maravilhas de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir.
Cem mundos
para inventar.
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar

de compreender sem alegrias
de amar e maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubam-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.

Dizem-lhe:
que as cem não existem
A criança diz:
ao contrário, as cem existem.

- Lóris Malaguzzi

(EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2016, p. 5)